

J. M. BARRIE

PETER PAN

A ORIGEM DA LENDA

EDIÇÃO INÉDITA NO BRASIL

UNIVERSO DOS LIVROS



PETER
PAN



J. M. BARRIE

PETER

PAN

A ORIGEM DA LENDA

São Paulo
2015



UNIVERSO DOS LIVROS

Esta obra, cujo título original é *Peter Pan in Kensington Gardens*, foi publicada em 1906. Corresponde a um excerto da primeira aparição literária do personagem Peter Pan, no romance *The Little White Bird*, publicado pelo autor em 1902. O texto usado neste livro provém da edição de 1910, digitalizada pelo Internet Archive.

© 2015 by **Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça, Letícia Nakamura e Rodolfo Santana**

Tradução: **Suria Scapin**

Preparação: **Júlia Yoshino**

Revisão: **Guilherme Summa e Geisa Oliveira**

Arte: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Capa: **Zuleika Iamashita**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

B27p

Barrie, James Matthew

Peter Pan - a origem da lenda / James Matthew Barrie ; tradução de Suria Scapin. — São Paulo : Universo dos Livros, 2015.

96 p.

ISBN: 978-85-7930-920-5

Tradução de: *Peter Pan in Kensington Gardens*

1. Literatura infantojuvenil 2. Literatura inglesa I. Título II. Scapin, Suria

15-0918

CDD 028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 — Bloco 2 — Conj. 603/606

CEP 01136-001 — Barra Funda — São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

SUMÁRIO

• I •

O passeio pelos Jardins

• II •

Peter Pan

• III •

O Ninho do Sabiá

• IV •

O toque de recolher

• V •

A casinha

• VI •

A cabra de Peter

I

O PASSEIO PELOS JARDINS

Você perceberá por conta própria como é difícil acompanhar as aventuras de Peter Pan, a menos que esteja familiarizado com os Jardins de Kensington. Eles ficam em Londres, onde mora o rei, e eu costumava levar David lá quase todos os dias, só não quando ele estivesse realmente doente. Nenhuma criança conhece os Jardins completamente, porque a hora de voltar para casa sempre chega cedo demais. O motivo do horário de voltar para casa ser cedo demais é que, se você for pequeno como David, costuma dormir entre meio-dia e uma da tarde. Se sua mãe não estivesse tão convicta de que você dormiria do meio-dia à uma, provavelmente poderia conhecê-lo todo.

Os Jardins são cercados, de um dos lados, por uma sequência sem-fim de veículos, sobre os quais sua babá tem tamanha autoridade que, se erguer um dedo, eles param imediatamente. Então, ela atravessa com você em segurança até o outro lado. Há mais portões para entrar nos Jardins, mas este é o portão pelo qual você entra. E, antes de entrar, fala com a senhora com os balões, que fica do lado de fora. É o mais perto que ela ousa chegar do lado de dentro porque, caso se deixasse levar por um momento, os balões a levantariam e a levariam embora voando. Ela se

mantém abaixada, pois os balões estão sempre a puxá-la, e a força que ela precisa fazer para se segurar faz com que seu rosto fique vermelho. Certo dia, em seu lugar estava uma nova mulher, pois a anterior havia se deixado levar. David ficou muito triste pela outra mulher, mas, se ela tinha se deixado levar, ele gostaria de ter estado lá para assistir.

Os Jardins são um lugar tremendamente enorme, com centenas de milhares de árvores. Primeiro, você passa pelas figueiras, mas não deve se demorar ali. As figueiras são o abrigo de pequenos seres superiores, proibidos de se misturar com a plebe, como conta a lenda. Eles se vestem com os figos. Esses queridos e delicados seres são desdenhosamente chamados de Figos por David e outros heróis, e já é possível entender um pouco dos costumes deles ao saber que, por aqui, chamam críquete de críquetes. Ocasionalmente, um Figo rebelde sobe a cerca e vai para o mundo, como foi o caso da senhorita Mabel Grey, de quem devo contar mais quando chegarmos ao portão Senhorita Mabel Grey. Ela foi a única Figo realmente reconhecida.

Agora estamos na Via Larga, que é muito mais ampla que as demais, tanto quanto seu pai é maior que você. David imaginava se ela havia nascido pequena e crescido, crescido, até ficar grande, e se as outras vias ainda eram bebês. Ele desenhava uma figura que o divertia muito: a Via Larga dando um passeio em um carrinho de bebê. Na Via Larga, você encontra todos aqueles que vale a pena conhecer e, junto deles, há geralmente um adulto para impedi-los de ir até a grama molhada e fazê-los ficar ali nos bancos, infelizes, como se fossem rebeldes ou frescos. Ser fresco é resmungar porque a babá não carrega você, ou ficar ali, chupando o dedo, e é uma coisa péssima. Mas ser um rebelde significa chutar tudo, e há um grau de satisfação nisso.

Se fosse para indicar os locais mais memoráveis ao longo da Via Larga, seria o caso de se voltar para trás antes de chegar até eles e ir até a árvore de Cecco Hewlett, um local memorável, onde um garoto chamado Cecco perdeu uma moeda e, procurando por ela, achou duas. Desde então, muitas pessoas cavam perto de suas raízes. Mais à frente, está a casinha de madeira na qual Marmaduke Perry se escondeu. Não há uma história pior sobre os Jardins do que a de Marmaduke Perry, que ficou de frescura por três dias seguidos e foi condenado a aparecer na Via Larga usando as roupas de sua irmã. Ele se escondeu na casinha de madeira e se recusou a sair até que lhe trouxessem calças com bolsos.

Agora você pode tentar ir até a Lagoa Redonda, mas as babás detestam esse passeio porque não são muito corajosas, então fazem você olhar para o outro lado, para a Grande Penny e o Palácio dos Bebês. Penny foi o bebê mais celebrado dos Jardins e viveu no palácio completamente sozinha, com muitas e muitas bonecas. As pessoas tocavam o sino, e ela se levantava da cama, embora já passasse das seis da tarde, acendia uma vela, abria a porta e todos comemoravam. “Viva a rainha da Inglaterra!” O que mais intrigava David era como ela sabia onde ficavam os fósforos. A Grande Penny é uma estátua em sua homenagem.

Depois chegamos à Corcunda, que é a parte da Via Larga em que acontecem as grandes corridas. Mesmo que você não tenha interesse em corrida, acaba correndo quando chega à Corcunda, pois é um local fascinantemente escorregadio. É comum parar depois de ter percorrido metade da descida, e aí você já está perdido, mas há mais uma casinha de madeira por perto, chamada de Casa Perdida. Então, você diz ao homem que se perdeu, e ele encontra você. É tremendamente divertido descer a Corcunda correndo, mas não se pode fazer isso em dias de vento, pois então não será você, mas sim as folhas se divertindo em seu lugar. Quase nada tem tanto senso de humor quanto uma folha caída.

Da Corcunda, vemos o portão chamado Senhorita Mabel Grey, a Figo de quem prometi falar a respeito. Sempre havia duas babás com ela, ou sua mãe e uma babá, e por muito tempo, ela foi uma criança-modelo, que sempre se levantava da mesa e perguntava aos demais Figos “como vai?”, e sua única brincadeira era jogar graciosamente a bola para que a babá a trouxesse de volta. Até que, um dia, ela se cansou disso tudo e virou uma rebelde. Primeiro, para mostrar sua rebeldia, desamarrou os sapatos e colocou a língua para fora, de um lado para o outro, de cima para baixo. Depois, jogou o cinto em uma poça e dançou peter pan sobre ela até a água suja molhar todo o seu vestido. Então, ela pulou a cerca e viveu incríveis aventuras, sendo que uma delas foi jogar os sapatos para o alto. Por fim, Mabel Grey chegou ao portão que depois recebeu o seu nome e saiu para as ruas. David e eu nunca entramos ali, apesar de termos ouvido aqueles ruídos. Se a mãe dela não a tivesse salvo durante a tentativa de fuga, jamais teríamos ouvido falar nela novamente. Tudo isso aconteceu, devo dizer, muito tempo atrás e essa não é a mesma Mabel Grey que David conheceu.

De volta à Via Larga, à direita temos a Via dos Bebês, que fica tão cheia de carrinhos de bebês que seria possível cruzar de um lado a outro pisando sobre eles, mas as babás não vão deixar você fazer isso. Dessa via, sai uma passagem chamada Polegar de Bunting, que leva à Rua do Piquenique. Lá toma-se chá, e as flores das castanheiras caem em sua xícara enquanto você bebe. Crianças comuns também fazem piquenique ali, e as flores também caem em suas xícaras da mesma maneira.

Mais adiante, encontramos o Poço de St. Govor, que tinha muita água quando Malcolm, o Corajoso, caiu lá dentro. Ele era o filho favorito de sua mãe e a deixava colocar o braço em volta de seu pescoço em público, porque ela era viúva, mas ele também aprontava e gostava de brincar com um limpador de chaminé que já havia matado muitos ursos. O limpador de chaminé se chamava Sooty, e um dia, quando brincavam perto do poço, Malcolm caiu e teria se afogado se Sooty não tivesse mergulhado para salvá-lo. A água lavou o limpador de chaminés, e ele se revelou o pai desaparecido de Malcolm. Então, Malcolm não mais deixou sua mãe colocar o braço em torno de seu pescoço.

Entre o poço e a lagoa ficam os campos de críquete e, frequentemente, a escolha de campo demora tanto que nem sobra tempo para jogar. Todos querem bater primeiro, e assim que você sai correndo, os defensores se espalham e começam a jogar outra coisa. Os Jardins são conhecidos por dois tipos de críquete: o de meninos, que é o críquete de verdade, com um batedor; e o de meninas, que é com uma raquete e tem uma responsável. As garotas não conseguem jogar o críquete de verdade, e quando você assiste a seus vãos esforços, surge uma boa chance de provocá-las. No entanto, houve um incidente muito desagradável outro dia, quando umas garotas de fora desafiaram o time de David, e uma incômoda criatura, chamada Angela Clare, derrubou tantos jogadores que... Bom, em vez de lhe dizer o resultado desse terrível jogo passarei rapidamente para a Lagoa Redonda, que é a roda que mantém os Jardins girando.

Ela é redonda porque fica bem no meio dos Jardins, e quando se chega ali, ninguém quer mais sair. Não tem como se comportar bem o tempo todo na Lagoa Redonda. Na Via Larga, sim, mas não na Lagoa Redonda, e o motivo é que você se esquece disso e, quando se lembra, já está tão molhado que pode se molhar ainda mais. Há homens que navegam barcos pela lagoa; barcos tão grandes que eles os trazem em carrinhos de mão e, às vezes, em carrinhos de bebês, fazendo com que a criança precise ir

andando. As crianças que passeiam pelos Jardins e que têm as pernas tortas são as que precisaram começar a andar muito cedo, porque o pai precisava de seu carrinho.

Você vai sempre querer um barco para poder navegar na Lagoa Redonda, e, no fim, seu tio acaba lhe dando um. Carregá-lo até a lagoa, no primeiro dia, é esplêndido, assim como falar sobre ele com os meninos que não têm um tio assim, mas logo o barco fica em casa. Pois o mais legal mesmo é deslizar pela lagoa os barcos de gravetos, enquanto você segura a cordinha. Então, quando você anda em volta dela, puxando seu barco, é possível ver pequenos homenzinhos no deque de sua embarcação, e a vela se abre como por magia, sendo impulsionada pelo vento, e você adentra a noite alcançando portos perigosos, desconhecidos para os iates de luxo. As noites passam em um piscar de olhos e, novamente, você se lança contra o vento, baleias espirram água para cima, você desliza sobre cidades soterradas, entra em combate com os piratas e ancora na ilha dos corais. Você é um garoto solitário enquanto tudo isso está acontecendo, pois dois garotos não podem entrar, juntos, em uma aventura na Lagoa Redonda. E embora possa falar consigo durante a viagem, dar ordens e executá-las, quando chega a hora de ir para casa, você não lembra onde esteve ou como foi a viagem. Seu tesouro encontrado fica trancado no porão, por assim dizer, e pode ser aberto, talvez, anos depois, por algum outro garotinho.

Já os barcos chiques não têm nada para guardar. Alguém volta a essas lembranças mágicas da infância por conta dos barcos chiques que teve? Ah, isso não. É o barco de gravetos que vem carregado de memórias. Os barcos chiques são brinquedos, o proprietário é um marinheiro, eles apenas podem cruzar a lagoa de um lado para o outro, enquanto o barco de gravetos vai para o mar. Vocês, marinheiros, vão velejando com suas varinhas, achando que todos estão lá para observá-los, mas seus navios são apenas um acidente do lugar e, enquanto acabarão sendo abordados e afundados pelos patos, as atividades regulares da Lagoa Redonda seguirão normalmente.

Caminhos vindos de todo canto se aglomeram como crianças em volta de uma lagoa. Alguns deles são caminhos normais, com uma proteção de cada lado, feita pelos homens. Outros, por sua vez, são irregulares, mais largos em alguns pontos e extremamente estreitos em outros. Esses últimos são chamados de “caminhos que se fizeram por conta própria”, e

David gostaria muito de poder vê-los em ação. Mas, como a maioria das coisas incríveis que acontecem nos Jardins, isso também acontece, supomos, à noite, depois de os portões serem fechados. Também entendemos que os caminhos se formam sozinhos para chegar à Lagoa Redonda.

Um desses caminhos tortuosos vem de onde se cortam os pelos das ovelhas. Quando David cortou os cabelos no salão, me contaram que ele disse adeus aos cachos sem hesitação, mas desde então sua mãe nunca mais foi a mesma criatura brilhante, e ele passou a desprezar as ovelhas que fugiam de seu tosquiador, ofendendo-as verbalmente.

“Suas covardes! Suas covardes!”

Quando, no entanto, viu o homem segurá-las entre as peter pan pernas e pegar aquela tesoura enorme, David cerrou os punhos. Outro momento surpreendente é quando o homem vira a lâ sobre os ombros das ovelhas, e elas, repentinamente, passam a se parecer damas em camarotes de teatro. As ovelhas ficam tão assustadas com a tosa, que as deixam tão brancas e magras que, ao serem soltas, logo voltam a comer grama, ansiosamente, como se temessem nunca mais poder comer. David se perguntava se elas se reconheciam, já que ficavam muito diferentes. Será que brigavam com as ovelhas erradas? Ovelhas são grandes lutadoras, diferentes das que Porthos, meu são-bernardo, costumava encontrar todos os anos no interior. Ele consegue fazer um campo cheio de ovelhas simplesmente voar anunciando sua chegada, mas essas ovelhas da cidade vêm em sua direção sem prometer qualquer tipo de gentileza, então, uma lembrança das férias do ano passado inunda Porthos. Ele não poderia fazê-lo com dignidade, mas parou e olhou como se admirasse o cenário, e daí deu uma volta, afastando-se com grande indiferença e me olhando de canto de olho.

A Serpentina começa perto dali. É um lago adorável, e no fundo dele, há uma floresta submersa. Se você der uma espiada, conseguirá ver as árvores crescendo de cabeça para baixo, e dizem que, à noite, também há estrelas submersas. Se for isso mesmo, Peter Pan vê as mesmas estrelas quando veleja no Ninho do Sabiá. Apenas uma pequena parte da Serpentina fica nos Jardins, pois logo ela passa por baixo de uma ponte que leva à distante ilha onde todos os pássaros nascem e se tornam meninos e meninas. Nenhum humano, exceto Peter Pan (e ele é apenas metade humano), pode chegar à ilha, mas você pode escrever o que deseja (menino, menina, loiro

ou moreno) em um pedaço de papel e dobrar na forma de um barquinho para colocar na água. Depois de escurecer, ele chegará à ilha de Peter Pan.

Agora estamos no caminho de volta, embora, logicamente, seja apenas uma ilusão poder passar por todos esses locais em apenas um dia. Eu deveria ter trazido David muito tempo antes, ter sentado com ele em todos os bancos, como o velho senhor Salford. Era assim que o chamávamos, pois ele sempre nos contava sobre um lugar adorável chamado Salford, onde tinha nascido. Ele era um doce senhor que vagava pelos Jardins o dia todo, de banco em banco, tentando encontrar alguém que conhecesse a cidade de Salford, e quando já o conhecíamos fazia mais de um ano, encontramos uma pessoa que havia passado um fim de semana na tal cidade. Ele era tranquilo e tímido e carregava seu endereço dentro do chapéu, e não importava o endereço que ele procurasse em Londres, ele sempre partia de Westminster Abbey. Ele nos levava triunfalmente ao nosso outro amigo, com a história daquele fim de semana, e nunca vou me esquecer da exultante alegria com que ele pulou sobre o homem. Desde então, se tornaram amigos, e percebi que o senhor Salford, que naturalmente era quem mais falava, segurava com firmeza o casaco do outro homem.

As duas últimas paradas antes de voltarmos ao nosso portão de saída são o Cemitério de Cães e o ninho do tentilhão, mas vamos fingir não saber o que é o Cemitério de Cães, já que Porthos está sempre conosco. O ninho é muito triste. É bem branco, e a forma como o encontramos foi incrível. Estávamos dando mais uma olhada entre os arbustos, em busca da bola de lã que David havia perdido, e, em vez de achar a bola, encontramos um adorável ninho feito de lã, com quatro ovos com fissuras que pareciam muito a letra de David, então, achamos que seriam cartas de amor que a mãe havia escrito para os filhotes que ali estavam. Todos os dias, íamos aos Jardins e passávamos para ver o ninho, tomando cuidado para que nenhum garoto cruel nos visse, e deixávamos migalhas de pão. Logo a ave passou a nos reconhecer como amigos e a nos observar, sentada no ninho, com os ombros encurvados. Mas, um dia, quando fomos até lá, havia apenas dois ovos no ninho e, da vez seguinte, não havia mais nenhum. A parte mais triste disso foi ver a ave nos olhando por entre os arbustos, reprovando-nos, e saber que ela achava que nós tínhamos feito aquilo. Embora David tenha tentado explicar-lhe a situação, já fazia muito tempo que ele não falava a língua dos pássaros, e creio que ela não o

compreendeu. Ele e eu fomos embora dos Jardins, naquele dia, enxugando os olhos.

II

PETER PAN

Se você perguntar para sua mãe se ela sabia da existência de Peter Pan quando garota, a resposta será a seguinte: “Claro que sim, filho”. E se perguntar se ele montava uma cabra naquela época, ela responderá: “Que pergunta tola. É claro que sim”. Agora, se você perguntar para sua avó se ela conhecia Peter Pan quando garota, ela também responderá: “Claro que sim”. Porém, se perguntar a ela se ele montava uma cabra, ela dirá que nunca ouviu nada a respeito de ele ter uma cabra. Talvez ela tenha se esquecido, assim como de vez em quando se esquece de seu nome e o chama de Mildred, que, na verdade, é o nome de sua mãe. Mas é difícil acreditar que ela possa se esquecer de algo tão importante quanto uma cabra. Não havia cabras quando sua avó era garota. Isso demonstra que, ao contar a história de Peter Pan, começar pela cabra (como a maioria das pessoas faz) é tão tolo quanto colocar o casaco antes de se vestir.

É lógico que isso também indica a idade de Peter Pan, embora ele permaneça sempre com a mesma idade, portanto, no fim das contas, isso não importa. Sua idade é de uma semana, e, embora tenha nascido há tanto tempo, nunca teve um aniversário, e nem existe a mínima chance de vir a ter um. O motivo é ele ter escapado de ser humano quando tinha apenas

sete dias de idade. Ele fugiu pela janela e voou de volta para os Jardins de Kensington.

Se você acha que ele foi o único bebê que já quis escapar, isso mostra como se esqueceu completamente de seus primeiros dias de vida. Quando David ouviu essa história pela primeira vez, teve quase certeza absoluta de que nunca havia tentado fugir, mas eu lhe disse para pensar nisso com atenção, pressionando as têmporas com as mãos. Quando ele fez isso, com mais e mais força, lembrou-se de um desejo pueril de voltar para as copas das árvores, e com essa memória, vieram outras, como a de estar deitado na cama planejando fugir assim que sua mãe fosse dormir, ou da vez em que ela o pegou já subindo pela chaminé.

Todas as crianças podem se lembrar de tais coisas se pressionarem com força as mãos contra as têmporas. Como foram pássaros antes de serem humanos, são, naturalmente, um pouco selvagens nas primeiras semanas de vida, e sentem um comichão nos ombros, onde as asas costumavam estar. Foi o que David me disse.

Devo dizer que, a seguir, está a nossa versão da história: primeiro, eu disse isso para ele, e depois ele disse para mim, sendo que a história ficou um tanto diferente. Então, recontei a história com suas inclusões, e seguimos assim até nenhum dos dois saber mais dizer se a história é dele ou minha. Nesta história de Peter Pan, por exemplo, a estrutura narrativa e as reflexões morais são minhas, embora nem todas, pois esse garoto pode ser um severo moralista; mas as partes interessantes sobre os padrões dos bebês em estágio pássaro são, em sua maioria, remanescentes das memórias que David acessou pressionando as mãos contra as têmporas e se esforçando para lembrar.

Bem, Peter Pan saiu pela janela, que não tinha grades. Ele ficou no parapeito e observou à distância as árvores que, sem dúvida, eram dos Jardins de Kensington. No momento em que as viu, ele se esqueceu completamente de que era um garotinho usando pijamas e saiu voando, passou pelas casas e se dirigiu aos Jardins. É incrível que ele possa ter voado sem asas, mas o local onde elas costumavam estar eram muito sensíveis e, talvez, todos nós pudéssemos voar se tivéssemos absoluta certeza de tal capacidade, assim como aconteceu com o forte Peter Pan naquela noite.

Alegremente, ele pousou no gramado aberto entre o Palácio do Bebê e a Serpentina, e a primeira coisa que fez foi deitar-se sobre suas costas e

chutar. Ele ainda estava muito inconsciente do fato de ser um humano e achava que era um pássaro, mesmo em termos de aparência, assim como esteve em seus primeiros dias. Quando tentou levantar voo, Peter não compreendeu que não conseguira porque tentava fazer isso usando suas mãos, o que, obviamente, um pássaro nunca faz. Ele viu, no entanto, que já devia ter passado do horário do fechamento do parque, pois havia muitas fadas por ali, todas muito ocupadas para notá-lo. Elas estavam preparando o café da manhã, ordenhando as vacas, pegando água e fazendo as demais tarefas. Ao ver um balde de água, ele ficou com sede e, para matá-la, voou até a Lagoa Redonda. Lá, ele parou e colocou o bico na água. Quer dizer, ele pensava ser o bico, mas era apenas seu nariz, e portanto, conseguiu pouca água, que não era muito refrescante. Então depois, ele tentou se refrescar pulando na água. Quando um pássaro de verdade faz isso, ele abre as asas e as sacode para secar, mas Peter não conseguia se lembrar exatamente do que estava fazendo e decidiu, em vez de se lamentar, ir dormir nos chorões na Via dos Bebês.

No início ele sentiu certa dificuldade para se equilibrar no galho, mas acabou lembrando como fazia e caiu no sono. Ele acordou muito depois do fim da manhã, tremendo, e disse para si mesmo: “Nunca estive do lado de fora em uma noite tão fria”. Ele, na verdade, tinha estado fora em noites muito mais frias quando pássaro, mas, como todos sabem, o que parece uma noite agradável para um pássaro é uma noite deveras fria para um garoto de pijama. Peter também se sentia estranhamente desconfortável, como se sua cabeça estivesse cheia. Ele ouviu sons altos que o assustaram, mas, na verdade, era ele mesmo espirrando. Havia algo que Peter queria muito, e embora soubesse que queria, não conseguia saber o que era. O que ele queria era sua mãe para assoar seu nariz, mas nunca conseguiu perceber isso, então, decidiu pedir ajuda às fadas. Elas eram conhecidas por serem muito inteligentes.

Havia duas delas passeando pela Via dos Bebês, com as mãos na cintura uma da outra. Então, Peter desceu do galho em um salto para falar com elas. As fadas tinham certa desavença com os pássaros, mas costumavam dar respostas civilizadas a perguntas civilizadas. Por isso, ele ficou muito irritado quando as duas saíram correndo ao vê-lo. Uma outra estava se balançando em uma cadeira, lendo um selo de postagem que algum humano derrubara e, ao ouvir a voz de Peter, pulou, assustada, para trás de uma tulipa.

Para sua surpresa, Peter descobriu que todas as fadas que encontrava fugiam dele. Um grupo de trabalhadoras, que cortava um cogumelo venenoso, também saiu correndo, deixando as ferramentas para trás. Outra, que pegava leite, virou seu balde de cabeça para baixo e se escondeu dentro dele. Logo, os Jardins estavam um rebuliço só. Multidões de fadas corriam de um lado para o outro, pedindo ajuda, assustadas; as luzes se apagaram, as portas se fecharam, e de dentro do palácio da Rainha Mab ouviu-se o rufar dos tambores, que indicavam a convocação da guarda real.

Um regimento de guardas surgiu pela Via Larga, armados com folhas de azevinho, que usavam para fazer os inimigos saírem correndo. Peter ouvia os pequenos seres cochichando que havia um humano nos Jardins depois do toque de recolher, mas em momento algum imaginou que ele fosse o humano. Ele estava se sentindo cada vez mais congestionado e mais e mais desejoso em saber o que havia acontecido com seu nariz, mas suas tentativas de lhes perguntar isso eram em vão. As tímidas criaturas fugiam dele, e mesmo os guardas, quando ele se aproximou da Corcunda, mudaram o rumo ao vê-lo ali.

Desistindo das fadas, Peter decidiu perguntar aos pássaros, mas então se lembrou, com estranheza, de que todos os pássaros haviam levantado voo quando ele aterrissou no gramado. Embora isso ainda não o tivesse incomodado, naquele momento, o fato passou a fazer sentido. Todos os seres vivos estavam se esquivando dele. Pobre Peter Pan! Ele se sentou e chorou e, mesmo sem saber ao certo, para um pássaro, ele estava sentado de forma errada. Era uma bênção que não soubesse, pois, caso contrário, perderia a fé na sua capacidade de voar, e no momento em que você duvida que pode voar, perde para sempre tal poder. O motivo para os pássaros poderem voar e nós não é o simples fato de que eles têm plena fé. E ter fé é ter asas.

Agora, sem ser voando, ninguém conseguia chegar à ilha da Serpentina. Os barcos humanos eram proibidos de ancorar ali; havia barreiras em sua volta, na água, e, em cada uma de suas vigas, havia um pássaro sentinela que fazia a guarda dia e noite. E foi, então, rumo a essa ilha que Peter voou, para apresentar seu estranho caso para o velho corvo Salomão. Lá, ele aterrissou aliviado, sentindo-se em casa, como os pássaros costumavam se sentir. Todos estavam dormindo, incluindo as sentinelas, menos Salomão. Ele estava acordado e havia ouvido, em silêncio, todas as

aventuras de Peter. Então, começou a lhe contar seu verdadeiro significado.

— Olhe para o seu pijama, se não puder acreditar em mim — ele disse.

Peter, com os olhos arregalados, olhou para o pijama e, depois, para os pássaros adormecidos. Nenhum deles vestia roupa alguma.

— Quantos dedos você tem? — Salomão perguntou, de forma um pouco dura.

Peter olhou para si e viu que tinha dedos. Ele ficou em choque e até parou de sentir frio.

— Sacuda as penas — disse o velho corvo.

Peter tentou desesperadamente obedecê-lo, mas ele não tinha penas. Então, levantou-se, desajeitado, e, pela primeira vez desde que havia parado no parapeito da janela, lembrou-se de uma mulher que gostava muito dele.

— Acho que devo voltar para minha mãe — ele disse, timidamente.

— Adeus — Salomão respondeu com uma expressão estranha em seu olhar.

Mas Peter hesitou.

— Por que você não vai? — o ancião perguntou, educadamente.

— Será... — Peter começou, com a voz rouca. — Será que ainda posso voar?

Viu só, ele havia perdido a fé.

— Pobre meio-a-meio! — disse Salomão, que não tinha o coração tão duro assim. — Você nunca mais poderá voar, nem mesmo nos dias de vento. Terá de viver na ilha para sempre.

— E nunca mais ir nem mesmo aos Jardins de Kensington? — Peter perguntou, arrasado.

— Como você poderia ir até lá? — questionou Salomão.

O corvo prometeu, muito gentilmente, no entanto, ensinar a Peter tudo sobre o comportamento dos pássaros que pudesse ser aprendido por alguém com um formato tão diferente.

— Então, não poderei ser exatamente um humano? — Peter perguntou.

— Não.

— E nem exatamente um pássaro?

— Não.

— E o que vou ser?

— Será um pouco de um e um pouco do outro — respondeu Salomão. E ele certamente era um grande sábio, pois foi exatamente o que aconteceu.

Os pássaros na ilha nunca se acostumaram com a presença de Peter. Suas características singulares os incomodavam todos os dias, como se fossem novidades, embora, na verdade, o que era novo eram os pássaros. Eles saíam dos ovos todos os dias e riam dele uma vez, depois voavam para se tornar humanos; então, outros pássaros saíam dos ovos. E assim seguia o ciclo eterno.

As astutas mães-pássaro, quando se cansavam de chocar seus ovos, pediam para os mais jovens quebrarem a casca um dia antes do previsto, alegando que, assim, poderiam ver Peter se limpando, comendo ou bebendo. Milhares o rodeavam diariamente apenas para assisti-lo fazendo tais coisas, assim como se observa os pavões. E gritavam de contentamento quando ele arremessava algo neles usando as mãos em vez da boca, como era de costume entre os pássaros. Toda a sua comida vinha dos Jardins por ordens que Salomão dava aos pássaros. Ele não comia vermes ou insetos (o que achavam uma grande besteira de sua parte), então, lhe traziam pedaços de pão no bico. Agora você sabe que, quando grita “Sai! Sai!” para um pássaro que rouba um pedaço de pão, não deveria fazê-lo, pois, provavelmente, ele está levando comida para Peter Pan.

Peter já não usava mais pijama. Veja só, os pássaros viviam lhe pedindo pedaços para colocar nos ninhos, e por ser muito bom de coração, ele não podia recusar. Então, Salomão o aconselhou a esconder o que havia sobrado. Mas mesmo já estando quase nu, ele não estava com frio ou triste. Peter costumava estar muito alegre e feliz, e o motivo era que Salomão havia mantido sua promessa e estava lhe ensinando muitos dos costumes dos pássaros, como, por exemplo, ficar feliz com facilidade, sempre estar fazendo algo e acreditar que, o que quer que se esteja fazendo, tem grande importância. O menino se tornou muito bom em ajudar os pássaros a construir ninhos e logo passou a construí-los melhor do que um pombo e quase tão bem quanto um melro, embora nunca tivesse conseguido agradar os tentilhões. Ele também fez ótimos bebedouros próximo aos ninhos e levava vermes, que pegava com os dedos, para os pequenos. Peter também aprendeu a reconhecer de onde vinha o vento pelo cheiro, podia ver a grama crescendo e ouvir os insetos entrando nos troncos das árvores. Mas a melhor coisa que Salomão havia lhe ensinado era ter um coração alegre. Todos os pássaros têm corações alegres, a

menos que você roube seu ninho, e como esse era o único coração que Salomão conhecia, foi fácil para ele ensinar tal lição a Peter.

O coração de Peter era tão feliz que ele sentia que poderia cantar o dia todo, assim como os pássaros cantam de alegria. Entretanto, como ele era parcialmente humano, precisava de um instrumento, então, fez uma flauta usando junco. Peter costumava se sentar na orla da ilha, no entardecer, e juntar em sua flauta o sussurro do vento e o som das águas com o brilho intenso da lua, tocando de forma tão bela que mesmo os pássaros se confundiam e perguntavam uns aos outros se era um peixe na água ou Peter tocando o som de um peixe em sua flauta. Às vezes, ele tocava o nascimento dos pássaros, e as mães se reviravam nos ninhos para ver se tinham colocado algum ovo. Se você é um filho dos Jardins, deve conhecer uma castanheira próximo à ponte que fica cheia de flores antes das demais castanheiras, mas talvez não saiba por que isso acontece. É por causa de Peter, que, ansioso pelo verão, toca sua música anunciando a chegada da estação, e a castanheira, estando tão perto, o escuta e acaba por ser enganada.

No entanto, quando Peter se senta na orla e toca sua flauta divinamente, às vezes acaba tendo pensamentos tristes, e a música também se entristece; e a razão de toda essa tristeza é ele não poder chegar aos Jardins, embora possa vê-los emoldurados pela ponte arqueada. Ele sabia que nunca mais seria um verdadeiro humano e não queria muito sê-lo, mas, ah, como desejava brincar como outras crianças brincavam e, obviamente, não havia lugar mais agradável para brincar do que nos Jardins. Os pássaros lhe traziam notícias de como meninos e meninas brincavam, e ávidas lágrimas brotavam nos olhos de Peter.

Talvez você se pergunte por que ele não fazia a travessia nadando. A razão é que ele não sabia nadar. Ele gostaria de saber, mas ninguém na ilha sabia, exceto os patos, e eles eram tão estúpidos. Até se dispuseram a ensiná-lo, mas só o que lhe disseram foi:

— Você se senta na água, assim, e chuta a água desse jeito.

Peter tentou várias vezes, mas, antes de poder chutar a água, sempre afundava. O que ele realmente precisava saber era como se sentar na água sem afundar, e eles diziam que era impossível explicar algo tão simples como isso. Certa vez, os cisnes apareceram na ilha, e Peter lhes deu toda a sua comida e perguntou como eles se sentavam sobre a água, mas assim

que sua comida acabou, aqueles seres odiosos deram as costas e foram embora.

Houve um dia em que Peter realmente pensou ter descoberto um jeito de chegar aos Jardins. Uma maravilhosa coisa branca, como um pedaço de papel desgarrado, sobrevoou a ilha e depois caiu, rolando como um pássaro com a asa quebrada. O menino ficou tão assustado que se escondeu, mas os pássaros lhe disseram que era apenas uma pipa — e lhe explicaram o que era isso — cuja linha devia ter se soltado da mão de uma criança e ido parar ali. Depois, riram por Peter ter se encantado tanto com a pipa. Ele a havia adorado tanto que até dormiu com uma mão sobre ela. Acho isso patético e adorável, pois o motivo de adorá-la era o fato de ter pertencido a um garoto de verdade.

Para os pássaros esse era um motivo muito superficial, mas os anciãos ficaram gratos a ele por ter cuidado de muitos filhotes com rubéola e se ofereceram para ensiná-lo como pássaros empinavam uma pipa. Então, seis deles pegaram a linha no bico e voaram. Para a surpresa de Peter, a pipa voou também e foi ainda mais alto do que eles.

Peter gritava:

— Façam de novo!

Muito gentis, eles repetiram a demonstração diversas vezes e sempre, em vez de agradecê-los, Peter pedia para que fizessem de novo, o que mostrava que ele ainda não tinha se esquecido de como era ser um garoto.

Por fim, com o grande desejo queimando em seu coração valente, ele implorou para que fizessem a pipa levantar voo uma última vez, mas com ele preso à linha. Cem pássaros pegaram a linha, e Peter se agarrou à ponta, querendo saltar quando estivesse sobre os Jardins. Mas a pipa se quebrou no meio do voo, e ele teria se afogado se não tivesse se agarrado a dois indignados cisnes e os feito levarem-no de volta à ilha. Depois disso, os pássaros disseram que não mais o ajudariam em sua empreitada maluca.

No entanto, Peter conseguiu chegar aos Jardins com a ajuda do barco de Shelley, como lhes contarei agora.

III

O NINHO DO SABIÁ

Shelley era um jovem rapaz e maior do que um dia ele imaginara poder ser. Ele era poeta, e poetas nunca são adultos de verdade. São pessoas que desprezam o dinheiro, exceto pelas necessidades diárias, e isso ele tinha, junto com mais uma nota de cinco libras. Então, quando ele caminhava pelos Jardins de Kensington, fez um barco de papel com a nota e o colocou na Serpentina.

O barquinho chegou à ilha na mesma noite, e as sentinelas o levaram até o corvo Salomão, que, em um primeiro momento, achou que aquilo fosse algo habitual: a mensagem de uma dama dizendo que queria o melhor bebê que ele tivesse. Sempre lhe pediam o melhor que tinha, e se ele gostasse da carta, enviava um de primeira linha, mas se o irritasse, mandava os mais engraçados. Às vezes, também, não mandava nenhum e, outras vezes, mandava um ninho inteiro; tudo dependia de seu humor. Salomão gostava de definir tudo, e se a carta mencionasse que dessa vez esperava que fosse um menino, era quase certo que ele mandaria mais uma menina. E quer você seja uma mulher ou um garotinho que quer uma irmãzinha, certifique-se de escrever o endereço de modo legível. Você não imagina quantos bebês Salomão enviou para a casa errada.

O barco de Shelley, quando foi aberto, deixou Salomão muito intrigado. Ele reuniu seus assistentes, que passaram pelo barco duas vezes, pra lá e pra cá, e declararam que deveria pertencer a alguma pessoa gananciosa que queria cinco crianças. Acharam isso por conta do grande número cinco impresso na nota.

— Que absurdo! — Salomão bradou, irado, e levou a nota até Peter. — Tudo o que era inútil e chegava à ilha costumava ser entregue a Peter, para que ele pudesse usar para brincar.

Mas ele não brincou com aquela preciosa nota, pois sabia do que se tratava por ter sido muito observador durante a semana que viveu como um garoto comum. Com todo aquele dinheiro, ele pensou, poderia ao menos inventar um jeito de chegar até os Jardins. Ele pensou em todas as formas possíveis e decidiu (sabiamente, em minha opinião) escolher a melhor delas. Mas, antes, precisava contar aos pássaros sobre o valor do barco de Shelley, e por mais que fossem muito honestos para pedir o dinheiro de volta, Peter viu que ficaram irritados e que lançaram olhares fulminantes para Salomão. Este, muito vaidoso de sua inteligência, voou para um dos extremos da ilha e ficou lá, arrasado, com a cabeça enterrada em suas asas. Peter já sabia que, a menos que Salomão estivesse ao seu lado, você nunca conseguia nada naquela ilha. Então, ele o seguiu para tentar confortá-lo.

E não foi somente isso o que Peter fez para conquistar o velho companheiro. É preciso que você saiba que Salomão não tinha intenção de permanecer naquele trabalho toda a sua vida. Ele desejava se aposentar em breve e desfrutar de sua velhice, com uma vida de prazer no tronco de um teixo que ficava perto das Figueiras, com o qual sonhava, e por isso, durante anos, ele foi enchendo seu pé-de-meia. Era uma meia que alguém havia perdido enquanto se banhava e que acabou indo parar na ilha; àquela altura, sua meia tinha cento e oitenta migalhas de pão, trinta e quatro nozes, dezesseis cascas, um bico de pena e um cadarço de sapato. Quando sua meia ficou cheia, Salomão concluiu que poderia se aposentar com tranquilidade. Peter, então, lhe deu uma libra. Ele cortou sua nota com um graveto afiado.

Isso fez com que Salomão fosse seu amigo para sempre, e depois de os dois terem conversado, chamaram os sabiás para uma reunião. Você logo vai entender por que apenas os sabiás foram chamados.

O projeto que lhes foi apresentado era, na maior parte, ideia de Peter, mas foi Salomão quem falou, pois ele se irritava quando os outros falavam. O corvo começou dizendo que tinha ficado muito impressionado com a grande habilidade mostrada pelos sabiás na construção de seus ninhos, assim, eles já ficaram mais abertos para a conversa — e esse era o objetivo, afinal, todas as brigas entre pássaros são por conta da disputa sobre quem faz os melhores ninhos. Outros pássaros, disse Salomão, haviam falhado em forrar seus ninhos com barro, e como resultado, eles não seguravam a água. Neste momento, Salomão inclinou a cabeça como se usasse um argumento incontestável, mas, infelizmente, a Senhora Tentilhão tinha vindo para a reunião sem ter sido convidada e contestou:

— Não construímos ninhos para segurar água e sim para segurar ovos.

Os sabiás, então, pararam de festejar, e o corvo ficou tão perplexo que precisou tomar vários goles de água.

— Considere — ele disse — como o barro deixa o ninho mais quente.

— Considere — retrucou a Senhora Tentilhão — que quando entra água no ninho, ela permanece lá, e os pequenos se afogam.

Os sabiás olharam para Salomão implorando para que ele dissesse algo em resposta ao comentário, mas ele, novamente, ficou perplexo.

— Beba mais um pouco de água — sugeriu a Senhora Tentilhão, com um tom atrevido. Seu nome era Kate, e todas as Kates são assim.

Salomão sorveu mais um gole de água, e isso o inspirou.

— Se — ele disse — um ninho de tentilhão for colocado na Serpentina, ele se desfaz em pedaços. Mas um ninho de sabiá permanece seco como as costas de um cisne.

Como os sabiás aplaudiram entusiasmados! Agora eles sabiam por que forravam seus ninhos com barro. A Senhora Tentilhão retrucou:

— Não colocamos nossos ninhos na Serpentina!

Então, os sabiás fizeram o que deveriam ter feito desde o começo e a conduziram para fora da reunião. A partir daí, as coisas ficaram mais organizadas. Na verdade, eles tinham sido reunidos para ouvir o que Salomão diria a seguir: que seu jovem amigo, Peter Pan, como bem sabiam, queria muito poder fazer a travessia até os Jardins, e por isso, ele propunha que o ajudassem a construir um barco.

Ao ouvir a proposta, os sabiás começaram a ficar inquietos, e Peter temeu que o plano não funcionasse.

Salomão explicou rapidamente que não se referia às pesadas embarcações que os humanos usavam. O que sugeria era um barco que simplesmente fosse um ninho de sabiá grande o suficiente para Peter caber.

Ainda assim, para a agonia do menino, os sabiás resmungavam.

— Somos muito ocupados — disseram —, e esse seria um trabalho muito grande.

— É verdade — replicou Salomão. — E logicamente Peter não permitiria que vocês trabalhassem sem receber nada em troca. Devem se lembrar de que ele está agora em uma situação confortável e que pagará uma quantia que nunca receberam antes. Peter Pan me autorizou a dizer que todos receberão seis moedas por dia.

Então, todos os sabiás pularam de alegria e, no mesmo dia, começaram a celebrada Construção do Barco. Todas as suas funções cotidianas foram deixadas de lado. Era época de acasalamento, mas foi só aquele ninho começar a ser construído pelos sabiás e logo Salomão se viu sem sabiás para suprir a demanda do continente. As crianças fortes, até um pouco metidas, que ficavam tão lindas nos carrinhos, mas que facilmente se cansavam de andar, um dia haviam sido, todas, jovens sabiás. Além disso, eram as mais pedidas pelas mulheres. O que você acha que Salomão fez? Ordenou aos pardais que colocassem seus ovos em ninhos de sabiás e enviassem seus filhotes para as mulheres jurando que eram todos sabiás! Tempos depois, a ilha passou a chamar aquele de O Ano dos Pardais. Então, quando encontrar adultos nos Jardins que se portam como se fossem maiores do que são, é muito provável que tenham nascido nesse ano. Pergunte a eles.

Peter era apenas o chefe, e pagava seus funcionários todas as noites. As aves ficavam em fila nos galhos aguardando, educadamente, enquanto o menino recortava de sua nota de cinco libras o pedaço correspondente a seis moedas. Então, ele os chamava pelo nome, e cada um dos pássaros descia voando para pegar o seu dinheiro. Deve ter sido bonito de ver.

Por fim, depois de meses de trabalho, o barco foi finalizado. Que satisfação a de Peter ao ver aquele grande ninho de sabiá aumentando e aumentando! Desde o começo de sua construção, ele dormia ao seu lado e, frequentemente, acordava apenas para dizer coisas belas para ele. Depois que o revestimento de barro secou, o menino passou a dormir dentro do ninho. Ele dormia em seu ninho, quietinho, e se encolhia de forma

fascinante, como um gato, e o ninho o abrigava confortavelmente em tal posição. Por dentro era, naturalmente, marrom, mas por fora era, em sua maior parte, verde, tecido por galhos e folhas que, quando secavam, faziam a parede voltar a ser de palha. Havia também algumas penas aqui e ali que caíam dos sabiás durante o trabalho.

Os outros pássaros estavam extremamente invejosos e diziam que o barco não se equilibraria sobre a água, mas ele ficou lindamente estável; diziam que a água iria entrar, mas uma gota sequer entrou. Depois disseram que Peter não teria remos, e os sabiás se olharam desanimados, mas Peter respondeu que não precisaria de remos, pois tinha uma vela e com muita alegria ele fez a vela com seu pijama, e embora ainda se parecesse mais com um pijama, ela ficou adorável. E naquela noite, com a lua cheia e todos os pássaros dormindo, Peter entrou em sua embarcação (como o Mestre Francis Pretty diria) e partiu. A primeira coisa que fez, sem saber por que, foi olhar para cima, com as mãos entrelaçadas, e a partir daí, seus olhos se fixaram no oeste.

Ele havia prometido aos sabiás que começaria fazendo pequenas viagens, tendo eles como guias, mas ao longe Peter podia ver os Jardins de Kensington acenando para ele por baixo da ponte, e o menino não pôde mais esperar. Seu rosto estava vermelho, mas ele não olhou para trás, havia uma grande animação em seu pequeno peito que afastava o medo. Seria Peter o último dos valentes marinheiros britânicos que navegaram a oeste em busca do desconhecido?

No princípio, seu barco ficou virando de um lado para o outro, e ele acabou sendo levado de volta ao ponto de partida. Lá ele encurtou a vela, cortando uma das mangas, e rapidamente foi levado por uma brisa contrária. Peter, então, soltou a vela e foi levado para longe, onde havia sombras cujos riscos ele desconhecia, mas suspeitava. Mais uma vez ele ajeitou sua vela e foi rumo às sombras, até pegar um vento favorável que o levaria para oeste, mas a uma velocidade tão alta que ele temia bater contra a ponte. O menino conseguiu desviar e passar por baixo dela e, para sua grande alegria, pôde ter a completa visão dos belíssimos Jardins.

Ao tentar jogar a âncora, que era uma pedra presa à ponta de um fio de pipa, ele não conseguiu alcançar o fundo e se viu forçado a recuar e buscar outro ancoradouro, mas, no caminho, bateu em um recife submerso, e a força do impacto o jogou ao mar. Ele esteve perto de se afogar, mas conseguiu voltar para a embarcação. Começou, então, uma forte

tempestade, que veio acompanhada pelo rugido da água, a uma altura que ele nunca antes tinha ouvido. Peter foi arremessado de um lado para o outro, e suas mãos, adormecidas pelo frio, não conseguiam se fechar. Ao escapar de tamanho perigo, foi levado gentilmente até uma pequena baía, na qual seu barco permaneceu estável.

Entretanto, Peter ainda não estava em segurança. Quando pensou em desembarcar, notou uma multidão de pequenas pessoinhas, que estavam na orla questionando sua ancoragem, gritando de forma estridente para que fosse embora, pois já havia passado, e muito, do toque de recolher. Isso, junto ao enorme barulho vindo das folhas de azevinho e com várias delas carregando uma flecha que algum garotinho tinha deixado nos Jardins, a qual estavam dispostas a usar como um aríete.

Então, Peter, que os conhecia por causa das fadas, informou que não era um humano qualquer e que não tinha a menor intenção de aborrecê-los, que queria apenas ser amigo deles. No entanto, como tinha encontrado um bom porto, Peter não pretendia sair dali e os alertou que, se o atacassem, teriam de lidar com as consequências.

Peter desembarcou decidido, e todos se reuniram à sua volta com o objetivo de atacá-lo, mas, então, ouviu-se um clamor de vozes femininas. Isso aconteceu porque notaram que a vela havia sido feita com o pijama de um bebê e passaram a amá-lo imediatamente, lamentando serem muito pequenas para lhe dar colo — algo que não consigo explicar, senão simplesmente dizendo que assim são as mulheres. Os homens-fada guardaram suas armas ao observar o comportamento das mulheres, pois confiavam muito na inteligência delas, e o levaram, de maneira civilizada, até sua Rainha. A Rainha, por sua vez, concedeu-lhe a cortesia de estar nos Jardins depois do toque de recolher, e a partir disso, Peter passou a poder andar com liberdade, e as fadas receberam ordens de deixá-lo confortável.

Assim foi sua primeira viagem aos Jardins, e pelo relato é possível perceber que ela aconteceu há muitos anos. Mas Peter nunca envelheceu, e se pudéssemos observá-lo por baixo da ponte esta noite (mas, obviamente, não podemos), ousa dizer que o veríamos arrumando seu pijama e passando por nós a velejar, ou a remar, no Ninho do Sabiá. Quando ele veleja, fica sentado, mas se levanta para remar. Vou agora contar como ele conseguiu um remo.

Muito antes da hora de abrir os portões, ele voltava para a ilha, afinal, as pessoas não podiam vê-lo (ele não é tão humano assim), mas isso já lhe

garantia horas de diversão, e Peter brincava exatamente como crianças reais brincam. Ao menos era isso o que ele achava, pois uma das coisas mais engraçadas a seu respeito é como ele costumava brincar de um jeito diferente.

Veja só, ele não tinha ninguém para ensiná-lo como as crianças de verdade brincavam, pois todas as fadas ficavam mais ou menos escondidas até o crepúsculo e, por isso mesmo, não sabiam nada, e por mais que os pássaros fingissem que podiam lhe contar muitas coisas, quando chegou a hora de lhe contarem, foi inacreditável como sabiam pouco. Disseram-lhe a verdade sobre o esconde-esconde, e ele costumava brincar sozinho, mas nem mesmo os patos da Lagoa Redonda conseguiram lhe explicar o que a tornava tão fascinante para os garotos. Toda noite, os patos se esqueciam de todos os eventos do dia, exceto a quantidade de pedaços de bolo que tinham recebido. São criaturas ranzinzas, os patos, e dizem que os bolos não são mais como antigamente.

Então, Peter precisou descobrir muitas coisas por conta própria. Ele costumava brincar de barco na Lagoa Redonda, mas seu barco era apenas um bambolê que ele tinha encontrado no gramado. É claro que ele nunca tinha visto um bambolê e imaginava como se brincaria com aquilo, então, decidiu brincar fingindo ser um barco. O bambolê sempre afundava, mas Peter entrava na água para buscá-lo e, às vezes, o arrastava alegremente até a borda da lagoa, sentindo-se muito orgulhoso por achar que havia descoberto o que os meninos faziam com os bambolês.

Uma vez, quando encontrou um baldinho de criança, Peter achou que fosse para se sentar e acabou entalando, quase não conseguiu sair de dentro dele. Ele também viu um balão que estava pairando sobre a Corcunda, como se estivesse brincando sozinho, e Peter achou que fosse uma bola. Jenny Wren lhe havia dito que garotos chutavam as bolas, então ele chutou o balão e, depois disso, não conseguiu mais encontrá-lo em lugar algum.

Talvez a coisa mais surpreendente que ele tenha encontrado tenha sido um carrinho de bebê. Estava sob um limoeiro, perto da entrada do Palácio de Inverno da Fada Rainha (que fica dentro do círculo de sete castanheiras espanholas), e Peter se aproximou cuidadosamente, pois os pássaros nunca tinham lhe falado nada sobre tais coisas. Sem saber se estava vivo, ele o cumprimentou com educação e, como não obteve resposta, foi se aproximando com cautela. Peter deu um leve toque, e o carrinho fugiu

dele, o que o fez achar que o carrinho realmente estivesse vivo; mas, como fugiu dele, Peter não teve medo. Ele, então, esticou a mão e o puxou. O carrinho veio para cima de Peter, que ficou tão assustado que saiu correndo para se esconder em seu barco. Você não deve achar, no entanto, que Peter era covarde, pois ele voltou na noite seguinte com um pedaço de pão em uma mão e um graveto na outra, mas o carrinho não estava mais lá, e ele nunca mais viu outro daqueles. Eu prometi que contaria a respeito do remo. Era a espada de alguma criança que ele encontrou perto do Poço de St. Govor, e achou que fosse um remo.

Você sente pena de Peter por cometer tais equívocos? Se sim, acho que você está sendo tolo. O que quero dizer é que, claro, dá para sentir pena de vez em quando, mas o tempo todo seria insolência. Ele achava que passava os melhores momentos nos Jardins, e achar que você viveu os melhores momentos é quase tão bom quanto realmente tê-los vivido. Ele brincava sem parar, enquanto você frequentemente perde tempo sendo rebelde ou resmungando. Peter não podia se comportar de nenhuma dessas formas, pois nem as conhecia, mas você acha que ele é digno de dó por conta disso?

Oh, ele era feliz! Muito mais feliz do que você, por exemplo, assim como você é mais feliz do que seu pai. Às vezes ele caía, como um pião, de tanto girar, em pura alegria. Você já viu um galgo pulando as cercas dos Jardins? Era assim que Peter as pulava.

E pense na música de sua flauta. Homens que caminhavam pela noite escreviam aos jornais para informar que haviam escutado rouxinóis nos Jardins, mas na verdade era a flauta de Peter. É claro, ele não tinha mãe — e qual uso ela teria para ele? Você pode sentir pena dele por isso. Mas não muita, pois a próxima coisa que vou lhe contar é sobre como ele a reencontrou. Foram as fadas que lhe deram essa chance.

IV

O TOQUE DE RECOLHER

É tremendamente difícil saber muito sobre as fadas, e a única coisa que se sabe quase com certeza é que sempre existem fadas onde existem crianças. Muito tempo atrás, eram proibidas crianças nos Jardins e, naquela época, não havia fada alguma ali. Então, as crianças passaram a ser permitidas, e as fadas chegaram na mesma noite. Elas não conseguem resistir ao impulso de seguir as crianças, mas raramente é possível vê-las; em parte porque elas ficam escondidas durante o dia em locais onde você não pode ir e outra porque elas são muito astutas. Não depois do toque de recolher mas, antes, são muito!

Quando se é um pássaro, você conhece as fadas muito bem e, enquanto bebê, ainda se lembra muito delas. É uma pena que você não possa escrever a respeito, pois gradativamente vai se esquecendo, e já ouvi falar de crianças que dizem que nunca viram uma fada sequer. Muito provavelmente, se disserem isso nos Jardins de Kensington, estarão olhando para fadas o tempo todo. O motivo de elas serem enganadas é porque as fadas fingem ser o que não são. Esse é um de seus melhores truques. Elas costumam fingir que são flores porque se encaixam em suas cinturas e também porque há tantas flores ali e por toda a Via dos Bebês

que, provavelmente, é a coisa que menos chamaria a atenção de alguém. Elas se vestem exatamente como as flores e se trocam de acordo com as estações, usando branco quando é época de lírios, azul na época de campânulas, e assim por diante. Elas gostam muito quando é época de açafrão e de jacintos, pois adoram suas cores; mas tulipas (exceto as brancas, que são os berços das fadas) elas consideram um pouco extravagantes e deixam de se vestir por dias, então, o início da temporada de tulipas é a melhor época para se encontrar uma fada.

Quando acham que não estão sendo observadas, andam por aí saltitando, mas se você olhar e elas acharem que não há tempo para se esconder, param, imóveis, fingindo que são flores. Então, depois que você passa, sem saber que ali havia fadas, elas voltam correndo para casa e contam para suas mães que viveram uma grande aventura. A Bacia das Fadas, você se lembra, é toda coberta de hera (da qual fazem o óleo de rícino) e tem flores crescendo por todo lado.

A maioria é mesmo flor, mas algumas são fadas. Você nunca pode ter certeza. Um bom plano para tentar vê-las é passar olhando para o outro lado e virar-se rapidamente. Outra boa tática, que David e eu usamos às vezes, é olhar para elas fixamente. Depois de muito tempo, as fadas não conseguem resistir e piscam, e aí você tem a certeza de que eram fadas.

Existem muitas delas por toda a Via dos Bebês, um local reconhecidamente agradável, como costumam ser conhecidos os locais frequentados por fadas. Uma vez, vinte e quatro delas viveram uma grande aventura. Era um passeio da escola, e elas estavam com a coordenadora, todas usando vestidos de jacinto. Quando a coordenadora repentinamente colocou o dedo na frente dos lábios, todas ficaram imóveis em um canteiro vazio e fingiram ser jacintos. Infelizmente, o que a coordenadora havia ouvido eram dois jardineiros que vinham plantar flores justamente naquele canteiro. Eles estavam empurrando um carrinho de mão com as flores e ficaram muito surpresos quando viram o canteiro ocupado.

— Que pecado arrancar esses jacintos — disse um deles.

— Ordens do duque — disse o outro.

Os homens esvaziaram o carrinho, desenterraram as estudantes e colocaram as pobres e aterrorizadas fadas em cinco linhas. Claro, nem a coordenadora e nem as meninas se atreveram a deixar que descobrissem que eram fadas. Então, elas foram levadas para um galpão distante, de

onde escaparam no meio da noite sem seus sapatos. Houve uma grande discussão com os pais a respeito do ocorrido e a escola foi fechada.

Quanto às suas casas, nem adianta procurar, pois são exatamente o oposto das nossas casas. Você consegue ver as nossas casas de dia, mas não consegue vê-las à noite. Bom, você pode ver as casas das fadas à noite, mas não pode vê-las durante o dia, pois são da cor da noite, e eu nunca ouvi falar de ninguém que pudesse ver a noite durante o dia. Isso não quer dizer que são pretas, pois a noite tem suas cores, assim como o dia também, só que muito mais brilhantes. Os tons azuis, vermelhos e verdes são como os nossos, mas com uma luz de fundo. O palácio é construído com muitos vidros coloridos e é a mais bela residência real, mas a Rainha às vezes reclama porque algumas pessoas espiam para ver o que ela está fazendo lá dentro. As fadas são um povo muito curioso e ficam com o nariz amassado contra os vidros. É por isso que têm o nariz arrebitado. As ruas são muito longas e tortuosas, com caminhos nos dois sentidos, e são feitas de lã. Os pássaros costumavam roubar a lã para fazer seus ninhos, e assim elas convocaram policiais para ficar segurando as pontas dos fios.

Uma das maiores diferenças entre as fadas e nós é que elas nunca fazem nada de útil. Quando o primeiro bebê deu sua primeira gargalhada, esse riso se quebrou em um milhão de pedacinhos, que saíram todos saltitando. Foi assim que nasceram as fadas. Elas parecem tremendamente ocupadas, você sabe, como se não pudessem parar por um só momento, mas se você perguntar o que elas estão fazendo, não conseguirão responder. Elas são muito ignorantes, e tudo o que fazem é ilusório. Têm um carteiro, mas ele só vem no Natal, com sua pequena caixa, e embora tenham lindas escolas, nada lhes é ensinado; a criança mais jovem é sempre a chefe da família e quando ela chama, todos saem para um passeio sem fim. Uma característica muito notável das famílias de fadas é essa de o mais jovem sempre ser o líder e, em geral, se tornar príncipe ou princesa; e as crianças se lembram disso e acham que será assim também entre os humanos, e é por isso que elas costumam ficar desconfortáveis quando se deparam com suas mães colocando, furtivamente, aquelas coisas estranhas em seu prato.

Você já deve ter observado que sua irmãzinha adora fazer o que sua mãe e a babá não querem que ela faça, como ficar em pé quando é hora de se sentar, ou se sentar quando deveria ficar em pé, por exemplo, ou ficar acordada quando deveria estar dormindo, se arrastar pelo chão quando está usando sua melhor roupa, e talvez você considerasse isso desobediência.

Mas não é; só significa que ela está fazendo o que viu as fadas fazerem; ela começa por seguir o que elas faziam e demora cerca de dois anos para incorporar os modos humanos. Seus acessos de ira, que são horríveis de se ver, geralmente chamados de dentição, não são nada disso. São sua irritação natural por não a entendermos, embora ela esteja falando uma linguagem absolutamente inteligível. Ela está falando a língua das fadas. O motivo pelo qual mães e babás entendem que “dadá” significa “Me dá isso de uma vez”, e “papu” significa “Por que você está usando esse chapéu engraçado?” antes das outras pessoas, é porque, como ficam muito próximas dos bebês, acabam aprendendo um pouco da língua das fadas.

Recentemente, David tentou se recordar da língua das fadas, com as mãos pressionadas contra as têmporas, e conseguiu se lembrar de várias frases que contarei a você um dia, se não me esquecer. Ele as havia escutado nos dias em que foi sabiá, e embora eu tenha sugerido que talvez ele estivesse se lembrando da língua dos pássaros, ele rejeitou meu palpite, pois as frases eram divertidas e interessantes, e pássaros só falam sobre a construção de ninhos. David se lembrava com clareza de que os pássaros costumavam ir de um lugar ao outro como quem vê vitrines, olhando os diferentes ninhos e dizendo “Não é a minha cor, querido”, ou “Como isso ficaria com um material mais fino?”, “Mas vai servir?”, “Que modelo péssimo!” etc.

As fadas são ótimas dançarinas, e é por isso que uma das primeiras coisas que os bebês fazem é pedir para você dançar para eles — e é também por isso que, quando você dança, eles choram. Elas fazem grandes bailes a céu aberto no que chamam de anel de fadas. Ao longo de semanas após o baile você ainda vê a marca no gramado. Não estava lá quando começaram, mas deixaram a marca de tanto que dançaram. Às vezes, você encontra cogumelos dentro do anel, e são as cadeiras das fadas que os organizadores se esqueceram de guardar. As cadeiras e os anéis são os únicos vestígios que esse pequeno povo deixa, e eles inclusive os limpariam, caso não gostassem tanto de dançar ao ponto de fazer os pés doerem até o último momento, como quando os portões se abrem e já não há mais tempo. David e eu uma vez encontramos um anel de fada ainda quente.

Mas há também um jeito de saber do baile antes que ele aconteça. Você conhece as placas que informam o horário de fechamento do parque no dia? Bem, essas fadas danadas às vezes mudam as placas em noite de

baile, informando que os Jardins fecharão às seis e meia, em vez de fecharem às sete. Assim, elas podem começar meia hora antes.

Se em uma dessas noites pudéssemos ficar escondidos nos Jardins, como fez a famosa Maimie Mannering, assistiríamos a um lindo espetáculo, com centenas de adoráveis fadas deslizando pelo salão. As casadas, com sua aliança na cintura; os cavalheiros, todos com uniforme, junto de suas parceiras, e as assistentes passando com cerejas de inverno, que são as lanternas das fadas; o armário onde colocam seus sapatos prateados e pegam um tíquete para seus casacos; as flores que se estendem pela Via dos Bebês, dando as boas-vindas e indicando o local; a mesa de jantar com a Rainha Mab na cabeceira e, na cadeira atrás da Sua, o Lorde Chamberlain, que carrega um dente-de-leão e o sopra quando Sua Majestade quer saber as horas.

As toalhas de mesa variam de acordo com a estação e, na primavera, são feitas com flores de castanheiras. É assim que fazem: os homens sobem nas árvores e balançam os galhos, fazendo as flores caírem como neve. As mulheres, então, usam suas saias como vassouras e unem as flores, até formarem uma toalha de mesa, e é assim que conseguem suas toalhas.

Elas têm copos de verdade e três tipos de vinho de verdade: de espinheiro-preto, de frutas vermelhas e de primavera. A Rainha é quem serve, mas como as garrafas são muito pesadas, ela só finge que serve. Para começar, pão com manteiga, do tamanho de uma moeda, e, no fim, comem bolo, tão pequenos que nem deixam farelos. As fadas se sentam nos cogumelos e começam muito educadas, cobrindo a boca para tossir e tudo mais. Mas, depois, deixam de ser tão comportadas assim e colocam o dedo na manteiga, que é obtida das raízes das árvores mais velhas, e as mais impolidas sobem na toalha de mesa em busca de açúcar, lambendo tudo. Quando a Rainha as vê fazendo isso, sinaliza para que os servos limpem tudo. Todos param de dançar, a Rainha vai na frente, enquanto o Lorde Chamberlain segue logo atrás, com dois pequenos potes, um com suco de girassol e outro com suco de selo-de-salomão. O suco de girassol é bom para reanimar os que caíram de tanto dançar. E você sabe sem que eu precise dizer que Peter Pan é a orquestra das fadas. Ele fica sentado no meio do anel, e elas não conseguem mais imaginar como fazer um baile sem ele. “P. P.” vem escrito no canto dos convites para todas as famílias importantes. São também pessoinhas muito gentis, e no baile de debutante da princesa (isso acontece em seu segundo aniversário, sendo que fazem

aniversário todos os meses) concederam a Peter o direito de fazer um pedido.

E foi assim que aconteceu. A Rainha ordenou que ele se ajoelhasse e, então, disse que, por ele tocar tão lindamente, ela lhe concederia a realização de seu desejo mais sincero. Assim, todos se reuniram à sua volta para lhe ouvir o desejo, mas por um longo tempo ele hesitou, sem saber ao certo o que desejava.

— Se eu escolher voltar para minha mãe — ele, por fim, perguntou —, você poderia me conceder tal desejo?

A pergunta incomodou a todos. Afinal, se ele voltasse para sua mãe, não haveria mais música. A Rainha, então, mexeu o nariz e disse:

— Oras! Faça um pedido de verdade.

— Isso é muito pouco? — ele questionou.

— Pequenino assim — a Rainha respondeu, aproximando uma mão da outra.

— E de que tamanho é um pedido grande? — ele perguntou.

Ela mostrou o tamanho de sua saia, e era uma medida realmente grande.

Peter Pan refletiu e disse:

— Bom, então, acho que tenho dois desejos pequenos em vez de um grande.

Claro que as fadas tinham de aceitar, embora sua astúcia as tivesse surpreendido; assim, ele disse que seu primeiro desejo era voltar para sua mãe, mas com o direito de voltar aos Jardins. O segundo pedido ele deixaria guardado para usar depois.

Tentaram dissuadi-lo e até colocar empecilhos.

— Posso lhe dar a capacidade de voar até a casa dela — a Rainha disse.

— Mas não posso abrir a porta para você.

— A janela de onde saí voando estará aberta — Peter disse, confiante.

— Minha mãe sempre a deixa aberta na esperança de que eu voe de volta.

— E como você sabe disso? — perguntaram, um tanto surpresas.

Peter, realmente, não fazia ideia de como ele sabia daquilo.

— Eu apenas sei — ele disse.

Então, como ele insistiu no desejo, as fadas precisaram realizá-lo. E o jeito como lhe concederam a capacidade de voar foi assim: todas o tocaram no ombro, e logo ele sentiu um estranho comichão na região e começou a subir mais e mais alto e a voar por cima das casas e dos telhados.

Era tão gostoso que, em vez de ir direto para casa, desviou para passar pela Catedral, pelo Palácio de Cristal e depois pelo rio e pelo Regent Park. Quando chegou à janela da casa de sua mãe, ele já achava que seu segundo desejo deveria ter sido ser um pássaro.

A janela estava aberta, como ele sabia que estaria. Peter entrou e encontrou sua mãe dormindo. Ele, então, aterrissou suavemente sobre o piso de madeira ao pé da cama e olhou bem para ela. Sua mãe dormia com o rosto sobre a mão e o travesseiro, seu cabelo castanho ondulado parecia um ninho. Ele se lembrou, por mais que há muito tempo tivesse esquecido, que ela sempre soltava os cabelos à noite. Como eram lindos os babados de sua camisola! Ele ficou muito feliz ao ver como sua mãe era linda.

Mas ela parecia triste, e Peter sabia o motivo. Um braço dela se moveu, como se quisesse abraçar algo, e ele também sabia o que ela queria abraçar.

— Ah, mãe! — Peter disse baixinho. — Se você ao menos soubesse quem está ao pé da cama.

Muito delicadamente, ele tocou o volume da coberta sob o qual encontravam-se seus pés e viu em seu rosto que ela havia gostado. Ele sabia que bastaria dizer “mãe” baixinho para que ela acordasse. Mães sempre acordam quando você as chama. Depois de acordar ela choraria de alegria e o abraçaria com força. Como isso seria bom para ele, mas, oh!, como seria maravilhoso para ela. Aquilo, presumo, foi o que Peter entendeu. Ao voltar para sua mãe, ele entendeu que dava a ela o melhor presente que uma mulher pode querer. Nada pode ser mais esplêndido, ele pensou, do que ter um garotinho só seu. Como elas ficavam orgulhosas de seus filhos! E também muito possessivas.

Mas por que Peter ficou sentado tanto tempo no pé da cama, por que não avisou logo sua mãe que tinha voltado?

Chego a me arrepiar com a resposta, pois ele ficou sentado ali, em dúvida. Ele olhava, desejoso, para sua mãe e depois olhava, também desejoso, para a janela. Certamente seria agradável voltar a ser seu garotinho, mas, por outro lado, como tinha sido divertido esse tempo nos Jardins! Será que ele estava assim tão certo de que gostaria de voltar a usar roupas? Peter se levantou e abriu algumas gavetas para se lembrar de seus antigos trajes. Eles continuavam ali, mas ele não conseguia se lembrar de como eram usados. As meias, por exemplo, eram para ser colocadas nas mãos ou nos pés? Ele estava prestes a provar uma na mão

quando uma grande aventura começou. Talvez a gaveta tenha feito algum barulho, e sua mãe acordou, pois ele a ouviu chamar “Peter”, como se essa fosse a palavra mais linda do mundo. Ele permaneceu sentado no chão e segurou a respiração, imaginando como ela havia descoberto que ele tinha voltado. Se ela o chamasse de novo, Peter diria “mãe” e correria para seus braços. Mas ela não repetiu seu nome, apenas alguns murmúrios, e, quando ele se virou, ela já estava dormindo novamente, com lágrimas no rosto.

Aquilo deixou Peter muito triste, e o que você acha que foi a primeira coisa que ele fez? Sentado ao pé da cama de sua mãe, ele tocou uma linda canção para ela em sua flauta. Ele mesmo a compôs, a partir da maneira como ela havia dito seu nome. E Peter só parou de tocar quando ela pareceu estar feliz.

Ele se achou tão brilhante que quase não resistiu à vontade de acordá-la apenas para ouvi-la dizer “Oh, Peter, como você toca bem!”. Entretanto, como agora ela parecia serena, ele voltou a olhar para a janela. Você não deve achar que ele logo foi embora e nunca mais voltou. Ele tinha decidido ser o garotinho de sua mãe, mas estava em dúvida se queria que isso acontecesse naquela noite. Era o segundo desejo que o afligia. Ele não mais queria mudá-lo para poder ser um pássaro, mas não fazer um segundo desejo parecia desperdício e, logicamente, ele não poderia fazer isso sem reencontrar as fadas. Além disso, demorar demais para fazer seu segundo pedido poderia ser um problema. Ele se perguntava se não tinha sido insensível ao partir sem se despedir de Salomão.

— Eu desejo viajar em meu barco apenas mais uma vez — Peter disse, pesaroso, para sua mãe adormecida. Ele argumentou como se ela o pudesse ouvir. — Seria esplêndido contar aos pássaros de minhas aventuras. Prometo voltar — ele disse solene e sinceramente.

E, no fim, você sabe, Peter saiu voando. Por duas vezes, ele voltou à janela antes de partir. Peter queria beijar sua mãe, mas temia que a alegria a acordasse; então, antes de ir, tocou um doce beijo em sua flauta e voou de volta para os Jardins.

Muitas noites e meses se passaram antes de ele dizer às fadas seu segundo pedido, e eu não sei direito porque ele demorou tanto. Um dos motivos era ele ter muitos adeus para dar, não apenas aos amigos, mas aos lugares preferidos também. Então, Peter fez sua última viagem de barco, e a última das últimas, e a última definitiva, e assim por diante. De novo,

muitos banquetes de despedida lhe foram ofertados, e esse era outro bom motivo também, afinal, não havia pressa, pois sua mãe nunca se cansaria de esperar por ele. Essa última justificativa irritou o velho Salomão, pois era um incentivo à procrastinação dos pássaros. Salomão tinha diversos lemas motivacionais para mantê-los trabalhando como “Nunca deixe para amanhã o ovo que você pode botar hoje” e “Não há segundas chances neste mundo”, mas ali estava Peter, alegremente adiando sua ação sem se envergonhar. Os pássaros comentaram isso à boca miúda e passaram a ser mais preguiçosos.

Mas, lembre-se, embora morosamente, Peter estava decidido a voltar para sua mãe. A maior prova disso era seu cuidado com as fadas. Elas estavam muito ansiosas com a possibilidade de que ele ficasse nos Jardins e continuasse a tocar para elas e, para acabar com a dúvida, tentaram pegá-lo com uma armadilha. Tentaram fazer com que Peter soltasse algum comentário como “desejo que a grama não seja tão molhada!” e algumas fadas dançavam fora do ritmo para ver se ele dizia “desejo que vocês dancem no ritmo!”. Se ele dissesse algo assim, elas alegariam que havia sido seu segundo desejo. Mas ele percebeu a intenção das astutas fadas e, embora algumas vezes começasse a dizer algo que desejava, sempre parava a tempo. Sendo assim, quando ele fez seu pedido, elas não puderam argumentar.

— Desejo voltar para minha mãe hoje e para sempre.

E para casa ele foi rapidamente, pois havia sonhado que a mãe chorava e sabia o motivo de seu choro. Sabia também que um grande abraço de seu querido Peter a faria sorrir. Oh! Ele tinha certeza disso e estava tão ansioso para estar em seus braços dessa vez que voou diretamente para sua janela, que sempre estava aberta para ele.

Mas a janela estava fechada, e havia barras de ferro nela. Ao espiar, ele viu sua mãe dormindo tranquilamente, abraçada a outro garotinho.

Peter a chamou, mas ela não o ouviu. Inutilmente, ele tentou passar pelas barras de ferro. Ele precisou voltar voando e chorando para os Jardins e, depois disso, nunca mais a viu. Que filho incrível ele poderia ter sido para ela! Ah, Peter! Nós que cometemos grandes erros sabemos muito bem como deveríamos agir se tivéssemos uma segunda chance. Mas Salomão estava certo, não existe segunda chance, não para a maioria de nós. Quando chegamos até a janela é hora do toque de recolher. As barras de ferro estão lá em definitivo.

V A CASINHA

Todos já ouviram falar da Casinha nos Jardins de Kensington, afinal, é a única casa no mundo todo que foi construída por fadas, para humanos. Mas ninguém já a viu de verdade, exceto por uns três ou quatro, e esses não apenas a viram como dormiram lá, e a menos que durma na Casinha, você nunca a vê. Isso porque ela não está lá quando você se deita, mas está quando você acorda.

De certa maneira, é possível vê-la, mas é apenas uma luz pela janela. Você vê a luz depois do toque de recolher. David, por exemplo, viu com certa clareza, ao longe, por entre as árvores, quando íamos embora para casa, depois da pantomima; e Oliver Bailey viu na noite em que ficou acordado até muito tarde no Templo, que é como chamam o escritório de seu pai. Angela Clare, que adora ir ao dentista porque sempre a levam para fazer compras, viu mais de uma luz, viu centenas de luzes juntas, e isso deve ter sido quando as fadas estavam construindo a Casinha, pois elas as constroem todas as noites, e sempre em uma parte diferente dos Jardins. Ela achou que uma das luzes era maior do que as outras, embora não tivesse certeza, pois elas oscilavam muito, e poderia ser outra que fosse ainda maior. Mas se fosse a mesma, era a luz de Peter Pan. Uma multidão

de crianças já viu a luz, então isso não é nada de mais. Mas Maimie Mannering foi a que ficou mais famosa porque foi para quem a Casinha foi construída inicialmente.

Maimie sempre foi uma garota estranha, e era à noite que ela ficava estranha. Ela tinha quatro anos, e durante o dia, era apenas uma garota normal. Ficava feliz quando seu irmão, Tony, um grande companheiro de seis anos, a notava, e queria ser como ele em todos os sentidos, e tentava, em vão, imitá-lo. Ela ficava feliz, e não brava, quando ele a perturbava. Quando ela estava na posição de rebatedora, por exemplo, era capaz de parar, já com a bola no ar, para mostrar que estava de sapatos novos. Ela era mesmo muito normal durante o dia.

Mas quando começava a cair a noite, Tony, o fanfarrão, perdia a paciência com Maimie e a olhava de forma assustada. Não é de se estranhar que ela, ao escurecer, passasse a ter um olhar que apenas posso descrever como suspeito. Era um olhar sereno que contrastava fortemente com os olhares incômodos de Tony. Então, ele dava a ela seus brinquedos favoritos para brincar (que sempre pegava de volta na manhã seguinte). E ela aceitava, com um sorriso perturbador. A razão para ele ficar tão gentil e ela, tão misteriosa (em resumo), era o fato de saberem que em breve seriam mandados para a cama. E era então que Maimie ficava terrível. Tony a entretia para que ela não aprontasse naquela noite, e a mãe e a babá a ameaçavam. Mas Maimie apenas dava aquele seu sorriso desconcertante. E, aos poucos, quando ficavam sozinhos com a luz do abajur, ela começava:

— Olha! O que é isso?

— Não é nada, Maimie, não comece! — Tony lhe suplicava, cobrindo a cabeça com o lençol.

— Está chegando mais perto! — ela dizia. — Olha, Tony! Está passando os chifres pela sua cama.

E ela não parava até ele descer as escadas, apenas de pijamas, correndo. Quando os adultos subiam para lhe dar uma bronca, costumavam encontrar Maimie dormindo tranquilamente — não fingindo, você sabe, mas de fato dormindo, como um doce anjinho, o que, para mim, parece deixar tudo ainda pior.

Mas, obviamente, era de dia quando estavam nos Jardins, e Tony começou a falar. Por suas palavras era possível perceber que era um garoto muito corajoso, e ninguém se orgulhava tanto disso quanto Maimie. Ela

adoraria segurar um cartaz dizendo que era sua irmã. E em momento algum ela o admirou mais do que quando ele lhe disse, como costumava fazer, com esplêndida firmeza, que um dia ficaria nos Jardins depois de os portões serem fechados.

— Oh, Tony — ela disse, solenemente. — Mas as fadas ficarão muito bravas.

— Não me importo — Tony retrucou, sem se preocupar.

— Talvez — ela disse, animada — Peter Pan leve você para um passeio de barco!

— Eu vou fazer com que ele me leve — Tony afirmou. Não era de se estranhar que ela tivesse orgulho de seu irmão.

Mas eles não deviam ter falado tão alto, pois uma fada, que pegava folhas secas para fazer cortinas, os escutou, e desde então, Tony passou a ser um garoto marcado. Soltavam o balanço antes de ele se sentar, e ele caía de costas; puxavam seus cadarços e pagavam aos patos para que afundassem seus barcos. Quase todos os acidentes ocorridos nos Jardins acontecem porque as fadas pegaram birra de você, então, convém ser cauteloso com o que diz a respeito delas.

Maimie era o tipo de pessoa que gostava de marcar um dia para fazer as coisas, mas Tony era diferente, e, quando ela lhe perguntou qual seria o dia em que ele ficaria nos Jardins depois de os portões serem fechados, ele apenas respondeu:

— Algum dia.

Ele era sempre muito vago, então ela perguntou:

— Será hoje?

Com essa pergunta, ela podia saber com certeza se seria ou não naquele dia. Maimie entendeu que o irmão estava esperando uma boa chance.

Isso nos leva, assim, a uma tarde quando os Jardins estavam brancos, cobertos de neve, e a Lagoa Redonda estava congelada; mas não com gelo grosso o suficiente para se poder patinar, dava apenas para jogar pedras, e muitos meninos e meninas estavam se divertindo fazendo isso.

Quando Tony e sua irmã chegaram, quiseram ir diretamente para a lagoa, mas a babá disse que, antes, deveriam fazer uma caminhada e, ao dizer isso, olhou para a placa que indicava o horário em que os Jardins fechariam naquela noite. Lá estava indicado que os Jardins fechariam às cinco e meia da tarde. Pobre babá! Ela era uma pessoa muito divertida, mas não daria tanta risada naquele dia.

Eles foram até a Via dos Bebês, e ao voltar, ela ficou surpresa ao ver que a placa, agora, indicava que os Jardins fechariam às cinco horas. A babá não estava familiarizada com as peripécias das fadas e não viu (como Maimie e Tony um dia viram) que elas haviam alterado a placa por conta do baile que aconteceria naquela noite. Ela disse, então, que só haveria tempo para caminharem até o topo da Corcunda e voltar. E como eles a acompanhavam, a babá sequer desconfiou do que acontecia dentro de seus coraçõezinhos acelerados. Veja bem, havia surgido a chance de ver um baile de fadas. Nunca, Tony pensou, nunca ele poderia esperar uma oportunidade melhor.

E Maimie pensou exatamente a mesma coisa, então, com seus olhos ávidos, ela perguntou:

— Vai ser hoje?

Ele engasgou e depois fez que sim com a cabeça. Maimie deu a mão para o irmão. Sua mão estava quente, mas a dele estava fria, por isso ela fez algo muito gentil: pegou seu cachecol e deu para ele.

— Para o caso de você sentir frio — ela sussurrou.

Maimie tinha o rosto radiante, já Tony estava soturno. Quando se viraram para voltar do alto da Corcunda, ele confessou à irmã:

— Estou com medo de que a babá perceba e eu não consiga ficar aqui.

Maimie passou a admirá-lo ainda mais por seu único medo ser a babá, quando existem tantos perigos desconhecidos a se temer.

— Tony, aposto que chego antes de você no portão! — ela disse em voz alta. Depois, cochichou: — Assim você pode se esconder.

E os dois saíram correndo.

Tony sempre conseguiu ganhar dela com facilidade, mas ela nunca o havia visto correr tão rápido. E Maimie sabia que ele estava buscando mais tempo para se esconder.

— Bravo! Bravo!

Maimie estava encantada. De repente, ficou chocada ao ver que seu herói, em vez de se esconder, tinha fugido pelo portão! Depois de uma visão tão desagradável, a garota parou, atônita, como se tivesse perdido todo o seu tesouro e, por puro choque, nem conseguiu chorar. Como protesto contra aquela covardia, Maimie foi até o Poço de St. Govor e se escondeu no lugar do irmão.

Quando a babá chegou ao portão e viu Tony bem à frente, imaginou que a outra criança por quem era responsável estivesse com ele e saiu. O

crepúsculo tomou os Jardins e centenas de pessoas foram embora — incluindo aquela última que sempre tem que sair correndo. Mas Maimie nem as viu. Ela havia fechado os olhos com força e os havia grudado com lágrimas de nervosismo. Quando abriu os olhos, uma coisa fria percorreu seus braços e suas pernas e entrou em seu coração. Era a quietude dos Jardins. Logo, ela ouviu um barulho. *Clang*. E depois do outro lado. *Clang*. Eram os portões sendo fechados.

Imediatamente após o último portão se fechar, Maimie ouviu uma voz.

— Então, está tudo certo.

Era um som de madeira e parecia vir de cima.

Quando ela olhou, viu uma árvore se espreguiçando e bocejando. Ela estava prestes a dizer que nunca soube que árvores pudessem falar, quando uma voz metálica, vinda do lado do poço, disse:

— Imagino que esteja um pouco frio aí em cima, não?

— Não muito, mas estou com o pé adormecido por ter ficado tanto tempo apoiada em uma perna só — a árvore respondeu, balançando os braços com vigor, assim como um taxista antes de partir com o carro.

Maimie estava um pouco surpresa por várias outras árvores estarem fazendo a mesma coisa. Ela, então, foi para a Via dos Bebês e se encolheu, observando, sob uma um azevinho, que encolheu os ombros, mas pareceu não notá-la.

A garota não estava morrendo de frio, pois vestia um casaco avermelhado, e um capuz cobria sua cabeça. Maimie estava muito escondida, exceto por seu adorável rosto e seus cabelos cacheados, o resto de seu corpo estava escondido dentro de todas aquelas roupas quentinhas que a faziam parecer uma bolinha.

Ter ido para a Via dos Bebês foi uma boa ideia, pois Maimie chegou a tempo de ver uma magnólia e um lilás-da-Pérsia se levantando e saindo para caminhar. Era fato que se moviam de uma forma inusitada, mas isso era porque usavam muletas. Um sabugueiro passou mancando pela Via e parou para conversar com jovens marmelos. Todos usavam muletas. As muletas eram os gravetos presos às árvores jovens e aos arbustos. Eram objetos familiares para Maimie, mas ela nunca soube para o que serviam antes daquela noite.

A garota espichou o olho pela rua e viu sua primeira fada. Era uma fada garoto, que corria fechando algumas árvores. Ele fazia assim: apertava um

ponto no tronco, e os chorões se fechavam como guarda-chuvas, derrubando neve nas plantas menores.

— Ah, seu menino levado! — Maimie disse, indignada, pois sabia como era chato ter um guarda-chuva gotejando em sua orelha.

Felizmente, o garoto não a escutou, mas o crisântemo, sim.

— Vejam só, o que temos aqui?

E foi aí que Maimie precisou se mostrar. E todo o reino vegetal ficou sem saber o que fazer.

— É claro que não é uma de nossas fadas — disse uma árvore, depois de ter cochichado com as outras. — E você sabe muito bem que não deveria estar aqui. Talvez nosso dever seja reportar sua presença para as fadas. O que você acha?

— Eu acho que não.

As plantas ficaram perplexas com a resposta da garota e alegaram que não haveria acordo com ela. Mas Maimie complementou, assegurando-lhes:

— Eu não lhes pediria isso se considerasse errado.

Naturalmente, depois disso, ficaram aterrorizando-a. Sarcásticas que eram, disseram que assim era a vida, mas a garota sentiu pena das que não tinham muletas e disse, de bom coração:

— Antes de eu ir para o baile das fadas, gostaria de levá-las para uma caminhada, uma de cada vez. Podem se apoiar em mim, sabem disso.

As árvores bateram palmas, e Maimie as acompanhou de um lado para o outro da Via dos Bebês, colocando um braço ou um dedo para dar apoio às mais frágeis, arrumando suas pernas e tratando as estrangeiras tão gentilmente como tratava as britânicas, mesmo sem conseguir entender uma palavra do que diziam.

Elas se comportaram bem, embora algumas tivessem resmungado que a garota não as havia levado tão longe quanto fizera com Nancy, ou Grace, ou Dorothy. E outras a arranharam, mas não foi intencional, e Maimie era muito gentil para reclamar. Andar tanto deixou a garota cansada, e ela estava ansiosa para ir ao baile, mas não sentia mais medo. Isso porque já era noite e, à noite, você se lembra, Maimie ficava estranha.

As árvores, agora, estavam relutantes em deixá-la partir.

— Se as fadas a virem — alertaram-na —, vão aprontar com você, podem matá-la a facadas ou obrigá-la a amamentar seus filhos. Ou, ainda, podem transformar você em algo horrível, como um carvalho.

Quando disseram isso, olharam, com certa inveja, para um carvalho verde. No inverno, as outras árvores sempre o invejavam. O carvalho, então, retrucou:

— Ulalá! Como é delicioso e confortável ficar aqui todo agasalhado e ver vocês, pobres coitadas, peladas e morrendo de frio.

Aquilo deixou as demais árvores sem graça, embora tivessem provocado aquilo, e pintaram um quadro muito sombrio dos perigos que Maimie enfrentaria se insistisse em ir ao baile.

Um pé de avelãs disse que a corte não estava em seu melhor momento. E o motivo disso era o coração do Duque das Margaridas de Natal. Ele era uma fada do Oriente, muito sofrido e com um grande problema, a incapacidade de amar. Embora tivesse tentado muitas vezes, em muitas terras, nunca havia sido capaz de se apaixonar. A Rainha Mab, que governava os Jardins, estava confiante que uma de suas meninas iria encantá-lo. Mas, veja só que tristeza!, seu coração continuou gelado. Um médico irritante, que era seu médico particular, sentiu o coração do Duque imediatamente depois de cada dama se apresentar, e sempre balançava sua cabeça careca e murmurava:

— Frio, muito frio.

Naturalmente, a Rainha ficou arrasada e, primeiro, ela ordenou que toda a corte chorasse por nove minutos. Depois, culpou os Cupidos e decretou que eles deveriam usar chapéus de burro até conseguirem derreter o coração de gelo do Duque.

— Como eu gostaria de ver os Cupidos com chapéus de burro! — Maimie disse e saiu correndo atrás deles, sem ter noção do perigo, pois os Cupidos detestam ser motivo de piada.

É sempre fácil descobrir onde está acontecendo um baile de fadas, pois fitas são esticadas pelos Jardins para que os convidados possam chegar sem sujar seus pés. Naquela noite, as fitas eram vermelhas e estavam lindas sobre a neve.

Maimie seguiu uma delas por um bom tempo sem encontrar ninguém, mas, por fim, viu uma comitiva de fadas se aproximando. Para sua surpresa, o grupo parecia estar voltando do baile. Ela só teve tempo de se esconder dobrando os joelhos e esticando os braços, fingindo ser uma cadeira de jardim. Havia seis cavaleiros à frente da comitiva e seis atrás; no meio vinha uma afetada dama, carregada em uma liteira por dois pajens, e no alto podia-se ver, reclinada, uma adorável garotinha, pois era

assim que as fadas da aristocracia viajavam. Ela usava muito ouro, mas a parte mais invejável era seu pescoço, azul e com textura de veludo, o que destacava lindamente seu colar de diamantes. As fadas da nobreza conseguiam esse efeito esfregando a pele, o que fazia o sangue azul subir e tingir a região, e você não pode imaginar nada mais lindo a menos que tenha visto os bustos das fadas nas vitrines das joalherias.

Maimie também percebeu que a cavalaria estava com o nariz mais em pé do que até mesmo uma fada costumava ter e deduziu que aquele deveria ter sido mais um caso de “frio, muito frio”.

Bem, a garota seguiu a fita até um local onde ela passava por cima de uma poça já seca, fazendo uma ponte. Lá, Maimie viu uma fada que havia caído e não conseguia se levantar. A princípio, a pequena donzela ficou com medo de Maimie, que, muito gentilmente, veio em sua ajuda. Mas logo ela já estava sentada na mão da garota falando alegremente e contando que seu nome era Brownie e que, embora fosse apenas uma cantora de rua, estava indo até o baile para se apresentar ao Duque.

— Claro — disse Brownie —, sei que estou muito simples.

E aquilo deixou Maimie desconfortável, pois a pequena criatura estava realmente muito simples para uma fada. Era difícil saber o que responder. Então, a pequena fada disse, hesitante:

— Vejo que você acha que eu não tenho chances.

— Eu não disse isso — Maimie respondeu, educadamente. — É verdade que você está muito simples, mas... — Realmente, aquilo era difícil para ela.

Felizmente, a garota se lembrou de quando seu pai foi a um certo evento. Era um evento elegante, no qual todas as mulheres mais lindas de Londres estavam muito produzidas, mas, ao voltar para casa, em vez de ficar descontente com a mãe de Maimie, ele olhou para ela e disse: “Você não imagina, minha querida, o alívio que é ver um rosto simples novamente”.

Maimie contou a história à sua nova amiga, e Brownie sentiu-se muito incentivada. De fato, ela não tinha mais a menor dúvida de que o Duque a escolheria e, por isso mesmo, seguiu pela fita, pedindo que Maimie não fosse atrás dela, pois a Rainha poderia lhe fazer algum mal.

Mas a curiosidade de Maimie a empurrou rumo ao baile, e entre as sete castanheiras espanholas, a garota viu uma luz maravilhosa. Maimie foi, pé ante pé, até chegar bem perto e, depois, se escondeu atrás de uma árvore.

A luz, que tinha mais ou menos a sua altura, era composta por diversos vaga-lumes, todos unidos, formando uma maravilhosa cobertura sobre o anel das fadas. Ali estavam milhares de pessoinhas, mas essas estavam na sombra e sem muita cor em comparação às criaturas dentro do círculo iluminado e incrivelmente brilhante — tanto que Maimie precisava piscar com vigor sempre que olhava para lá.

Era incrível e até um pouco irritante para ela que o Duque das Margaridas de Natal fosse incapaz de sentir amor por um momento sequer e, assim, ainda sem amor aquela noite permanecia. Dava para perceber isso pelo olhar triste da Rainha e da Corte (embora fingissem não se importar), pela maneira como as lindas damas que se aproximavam rompiam em lágrimas quando ele lhes pedia para irem embora e, também, pelo rosto melancólico do próprio Duque.

Maimie também conseguia ver o médico que sentia o coração do Duque e ouvir quando ele fazia sua declaração repetitiva. A garota estava particularmente triste pelos Cupidos, que estavam com chapéus de burro e escondidos nas sombras e que, ao ouvir a sentença “frio, muito frio”, pendiam a cabeça um pouco mais.

Ela estava um pouco decepcionada por não ver Peter Pan, e devo agora lhe contar por que ele estava tão atrasado naquela noite. Seu barco havia ficado preso na Serpentina, entre blocos flutuantes de gelo, pelos quais ele precisou quebrar uma passagem usando seu fiel remo.

As fadas mal haviam sentido sua falta, pois não podiam dançar de tão pesados que seus corações estavam. Elas se esqueciam de como dançar quando ficavam tristes e só se lembravam novamente quando ficavam felizes. David me disse que as fadas nunca dizem “estou feliz”, o que elas dizem é “estou dançante”.

Bem, elas não estavam nada dançantes, e logo se ouviu uma forte gargalhada causada por Brownie, que havia acabado de chegar e insistia em seu direito de se apresentar ao Duque.

Maimie inclinou-se para a frente, ansiosa para ver como sua amiga se sairia, embora não tivesse muitas esperanças, na verdade. Ninguém parecia ter esperanças, exceto a própria Brownie, que, por sua vez, estava absolutamente confiante. Ela foi encaminhada até o Duque, e o médico colocou o dedo, sem nem prestar muita atenção, no coração de seu paciente, que, por conveniência, podia ser alcançado por uma abertura em sua camisa de diamantes. O médico começou a dizer, mecanicamente:

— Frio, mui... — então, ele parou, abruptamente. — O que é isso? — indagou e pegou o coração, chacoalhando-o, como se faz com um relógio e, depois, colocou a orelha junto a ele. — Minha nossa! — o médico exclamou, e, a essa altura, a animação entre os espectadores era tremenda com fadas desmaiando aqui e acolá.

Todos olhavam sem ar para o Duque, que estava muito assustado e parecia querer sair fugindo.

— Bondoso seja! — o médico balbuciou, e agora seu coração estava claramente pegando fogo, e ele precisou tirar sua mão rapidamente, levando-a à boca.

O suspense era terrível.

Então, em voz alta e se curvando, o médico disse, exultante:

— Senhor Duque, tenho a honra de informá-lo de que está amando.

Você não consegue imaginar o efeito de tal declaração. Brownie estendeu os braços para o Duque, e ele voou para abraçá-la. A Rainha pulou nos braços de Lorde Chamberlain, e as damas da corte pularam nos braços de seus maridos, pois é de bom tom seguir o exemplo da Rainha em tudo. E assim, em um único momento, cerca de cinquenta casamentos aconteceram, pois para as fadas o casamento acontece quando você pula nos braços de alguém. Claro que é preciso haver um padre presente.

Como a multidão ficou contente e saltitante! Os trompetes tocaram, a lua apareceu e, imediatamente, centenas de casais pegaram seus raios como se fossem fitas em uma dança da primavera e bailaram por todo o anel de fada. Foi a visão mais linda de todas, os Cupidos tiraram os chapéus de burro de suas cabeças e os arremessaram para cima. Então, Maimie estragou tudo.

Ela não pôde resistir. Estava louca de alegria pela sorte de sua pequenina amiga e deu vários passos na sua direção.

— Oh, Brownie, que maravilha! — ela gritou, realizada.

Todos ficaram imóveis, a música parou, as luzes se apagaram e no tempo de um piscar de olhos uma estranha sensação de arrependimento se abateu sobre Maimie; mas ela se lembrou tarde demais de que era uma criança perdida em um local onde os humanos supostamente não deveriam estar entre o fechar e o abrir dos portões. A garota ouviu os murmúrios da multidão irritada. Viu mil espadas reluzentes que desejavam seu sangue. Ela gritou, apavorada, e saiu correndo.

E como ela correu! Muitas vezes ela se abaixou para, logo na sequência, levantar-se e continuar correndo. Sua cabecinha estava tão confusa que ela já nem se lembrava mais de estar nos Jardins. A única coisa de que tinha certeza era de não poder parar de correr. E ela achou que continuava correndo, mesmo muito depois de ter caído entre as figueiras e adormecido. Maimie achou que os flocos de neve que caíam sobre seu rosto eram beijos de boa-noite de sua mãe. Achou que a cobertura que a neve fizera sobre seu corpo era um cobertor bem quentinho, que tentou puxar para cobrir a cabeça. E quando ouviu palavras em seu sonho, a menina achou que era sua mãe trazendo seu pai para vê-la dormir. Mas eram as fadas.

Fico realmente muito feliz em dizer que elas não mais queriam fazer mal à garota. Quando ela saiu correndo, os gritos pediam “Matem-na!” ou “Transformem-na em algo horrível!”, entre outras coisas muito ruins, mas a perseguição acabou demorando para começar, já que ficaram discutindo quem deveria ir na frente, e isso deu tempo para a Duquesa Brownie se apresentar diante da Rainha e fazer seu pedido.

Toda noiva tem direito a um pedido, e Brownie pediu pela vida de Maimie.

— Qualquer coisa, menos isso — retrucou a Rainha Mab, com firmeza.

— Qualquer coisa, menos isso — repetiram as outras fadas. — Qualquer coisa, menos isso.

Mas quando ficaram sabendo como Maimie e Brownie tinham ficado amigas, que a garota havia ajudado Brownie a chegar ao baile, as fadas reconsideraram e deram três vivas para a pequena garota humana e partiram, todas de uma vez, para agradecê-la. Os nobres avançaram na frente e os demais seguiram logo atrás. Foi fácil encontrar Maimie, pois ela havia deixado grandes pegadas na neve.

Mas, como a encontraram coberta de neve no meio das figueiras, pareceu impossível agradecê-la sem precisar acordá-la. Então, as fadas pensaram o que poderiam fazer para mostrar sua gratidão... O rei ficou em pé e leu uma carta de agradecimento, mas ela não ouviu uma palavra. Retiraram a neve que cobria seu corpo, mas logo estava coberta novamente, e perceberam que ela corria o risco de morrer de frio.

— Podemos transformá-la em algo que não sinta frio — sugeriu o médico.

Aquela parecia uma boa ideia, mas a única coisa que não sentia frio em que conseguiam pensar era um floco de neve.

— Um floco de neve pode derreter — destacou a Rainha, fazendo com que desistissem da sugestão.

Fizeram um tremendo esforço tentando levar a garota para um local protegido, e embora houvesse muitas fadas, Maimie era pesada demais. Todas as mulheres, naquele momento, já estavam chorando e secando as lágrimas com seus lenços. Foi então que os Cupidos tiveram uma adorável ideia.

— Construam uma casa em volta dela — disseram.

E todos, ao mesmo tempo, entenderam que aquilo era o que deveria ser feito. Logo, centenas de fadas carpinteiras podiam ser vistas perto dos gravetos, enquanto as fadas arquitetas rodeavam Maimie, tirando suas medidas. Um canteiro de obras surgiu aos seus pés e setenta e cinco pedreiros trouxeram a pedra fundamental, que foi colocada pela Rainha. Mestres de obra foram nomeados para coordenar a construção. O lugar todo ficou cheio de martelos e formões e tornos. O telhado, então, foi colocado, e os vidraceiros vieram instalar os vidros nas janelas.

A casa tinha exatamente o tamanho de Maimie e era adorável. Um de seus braços estava esticado e aquilo os havia incomodado um pouco no começo, mas fizeram um corredor em torno dele, que levava à porta de entrada. As janelas eram do tamanho de livros coloridos, e a porta era ainda menor. Seria fácil ela sair retirando o telhado. As fadas, como de costume, aplaudiram alegremente sua inteligência e ficaram tão profundamente encantadas com a casinha que não conseguiam aceitar que a haviam concluído. Então, foram acrescentando-lhe detalhes adicionais. E depois mais outros detalhes.

Por exemplo, duas fadas subiram em uma escada e colocaram uma chaminé.

— Agora, achamos que está pronta — suspiraram.

Mas não, pois outras duas fadas subiram na escada e amarraram um pouco de fumaça na saída da chaminé.

— Assim, certamente, finalizamos a casa — disseram, relutantes.

— De forma alguma! — disse um vaga-lume. — Se ela acordar e não encontrar alguma luz, ficará com medo. Então, serei sua luminária.

— Espere um pouco — disse uma comerciante de porcelana. — Vou arranjar-lhe um pires.

— Agora, sim! Absolutamente finalizada.

— Oh, querido, claro que não!

— Isso não! — exclamou um produtor de bronze. — Não há maçaneta na porta!

Então, ele colocou uma maçaneta.

Uma senhora correu para colocar um capacho na frente da porta de entrada. Marceneiros chegaram com uma cisterna, e os pintores insistiram em pintá-la.

Terminada, enfim!

— Terminada! Como pode estar terminada — questionou, com desdém, o encanador — sem encanamento para água quente e para água fria?

Ele, então, instalou toda a tubulação para água quente e para água fria.

Logo, foi a vez do exército de jardineiros chegar com os carrinhos e os equipamentos, sementes e bulbos, e logo havia um belo canteiro de flores ao lado da varanda e uma horta à esquerda, rosas e clêmatas nas paredes da casa, e em menos de cinco minutos, todas essas lindezas estavam floridas.

Oh, como ficou linda essa pequena casinha! Enfim, ela estava realmente finalizada de verdade verdadeira. As fadas precisaram, então, voltar ao baile. Todas jogaram beijos para a casinha ao partir, e a última a ir embora foi Brownie. Ela ficou por mais um momento depois de os outros terem partido, para lançar um agradável sonho pela chaminé.

Durante toda a noite, a linda casinha ficou no meio das figueiras cuidando de Maimie, e ela nunca soube. A menina dormiu até o sonho terminar e acordou, sentindo-se muito confortável, assim que começou a amanhecer. Ela quase caiu no sono novamente depois de chamar pelo irmão, que pensava estar em casa. Como Tony não respondeu ao seu chamado, ela se sentou. E foi aí que sua cabeça bateu no teto, fazendo a casinha se abrir como uma caixa. Para sua surpresa, Maimie viu, à sua volta, os Jardins de Kensington cobertos pela neve grossa. Como ela não estava em casa, a garota ficou em dúvida se aquilo era real; foi aí que se lembrou de sua grande aventura. A garota se lembrou de tudo o que tinha acontecido a ela desde o fechamento dos portões até sua fuga das fadas. Mas como, Maimie se perguntava, ela havia ido parar naquele local tão engraçado? A garota saiu pelo telhado, pisou no jardim e viu, então, a bela casinha em que tinha passado a noite. Aquilo a encantou tanto que nem conseguia pensar em outra coisa.

— Oh, queridas! Oh, doces! Oh, amadas! — ela exclamou.

Talvez a voz humana tenha assustado a casinha, ou talvez ela assim tenha ficado sabendo que seu trabalho havia se encerrado, pois logo que Maimie terminou suas palavras, a casinha começou a diminuir; ela encolhia tão lentamente que a garota quase não acreditava que a casinha estivesse encolhendo, embora logo percebeu que não mais caberia em seu interior. A casa permaneceu completa o tempo todo, mas cada vez menor e menor, o jardim à sua volta minguou ao mesmo tempo e a neve cobria a casa e seu jardim.

A casinha agora era do tamanho de uma casinha de cachorro, da arca de Noé, mas ainda assim era possível ver a fumaça e a maçaneta; e as rosas na parede, tudo completo. A luz do vaga-lume também minguava, mas permanecia lá.

— Querida, amada, não se vá! — Maimie pediu, ajoelhando-se, pois a casa agora já era do tamanho de um carretel de linha, mesmo continuando completa.

Mas quando ela estendeu os braços, implorando, a neve veio de todos os lados, e onde antes estava a casinha, agora havia apenas muita neve.

Maimie bateu o pé no chão com força e estava levando as mãos aos olhos, quando ouviu uma doce voz:

— Não chore, bela humana, não chore.

Quando a garota se virou, viu um lindo garotinho nu observando-a com pesar. Ela soube, imediatamente, que aquele era Peter Pan.

VI

A CABRA DE PETER

Maimie ficou um tanto envergonhada, mas Peter nem mesmo sabia o que era vergonha.

— Espero que você tenha passado uma boa noite — ele disse, seriamente.

— Obrigada — ela respondeu. — Eu estava muito confortável e aquecida. Mas você — a garota olhou para ele, nu, sem jeito —, você não sente nem um pouquinho de frio?

Frio era outra palavra cujo significado Peter já havia esquecido. Então, ele respondeu:

— Acho que não, mas posso estar errado. Como pode perceber, sou um pouco ignorante. Não sou exatamente um menino. O corvo Salomão diz que eu sou um meio-a-meio.

— Então, é assim que se chama — Maimie disse, pensativa.

— Esse não é o meu nome — ele explicou. — Meu nome é Peter Pan.

— Sim, claro — ela disse. — Eu sei. E todo mundo sabe.

Você não pode imaginar como Peter ficou feliz por saber que, fora dos Jardins, todos sabiam da sua existência. O garoto implorou a Maimie para que contasse o que sabiam e o que diziam. E ela lhe contou. Os dois

estavam sentados sobre uma árvore caída; Peter havia limpado a neve para Maimie, mas ele mesmo havia se sentado em uma parte coberta de neve.

— Chegue mais perto — Maimie disse.

— Como assim? — Peter perguntou, e ela indicou. Então, ele seguiu sua orientação.

Os dois conversaram, e Peter descobriu que as pessoas sabiam muitas coisas a seu respeito. Mas não tudo. Não sabiam que ele tinha voltado para sua mãe e não conseguido entrar, por exemplo, e ele não contou o episódio para Maimie, pois ainda o humilhava.

— As pessoas sabem que eu brinco exatamente como as crianças reais? — ele perguntou, muito orgulhoso. — Ah, Maimie, por favor, conte a todos!

No entanto, quando ele lhe mostrou suas brincadeiras, como velejar um bambolê na Lagoa Redonda, por exemplo, a garota ficou horrorizada.

— Todas as suas maneiras de brincar — ela disse, com seus grandes olhos fixos nele — são um tanto equivocadas e nem um pouco parecidas com como garotos brincam.

O pobre Peter ficou muito chateado e, pela primeira vez, chorou, nem eu mesmo sei por quanto tempo. Maimie estava muito triste por ele e lhe emprestou seu lenço, mas ele não fazia a mínima ideia do que fazer com aquilo, então, ela lhe demonstrou, limpando seus olhos antes de entregá-lo a ele.

— Agora é sua vez de fazer o mesmo — ela disse.

Mas, em vez de limpar os próprios olhos, ele secou os da menina, e Maimie achou melhor fingir que era isso mesmo que ela havia tentado dizer. Ela sentiu pena dele e disse:

— Se você quiser, posso lhe dar um beijo.

Mas como ele já nem se lembrava o que era um beijo, apenas agradeceu e estendeu a mão, entendendo que ela estava lhe oferecendo alguma coisa. Aquilo foi um grande choque para Maimie, mas ela percebeu que, se tentasse explicar, Peter ficaria constrangido. Então, com tremenda delicadeza, ela deu a ele um dedal que, por acaso, estava em seu bolso, e fingiu que aquilo era um beijo. Pobre garotinho! Ele acreditou nela e, desde então, passou a usar o dedal, embora um dedal tão pequeno não seja muito necessário para a maioria das pessoas. Você pode perceber, no entanto, que mesmo sendo uma criança pequena, já fazia anos e anos que

Peter havia deixado sua mãe. E eu ousaria dizer que o bebê que o substituiu já bem podia ser um homem barbado.

Você não pode achar que Peter Pan era um garoto digno de pena, em vez de admiração; se Maimie começou pensando assim, ela logo se percebeu muito enganada. Os olhos dela brilharam de admiração quando ele lhe contou suas aventuras, principalmente sobre as travessias de idas e vindas entre a ilha e os Jardins, usando o Ninho do Sabiá como embarcação.

— Que grandioso! — Maimie exclamou.

Mas aquela era mais uma palavra desconhecida, e Peter abaixou a cabeça, pensando que ela o estava desprezando.

— Suponho que Tony não teria feito isso, certo? — ele disse, com muita humildade.

— Nunca, nunca! — ela respondeu, com convicção. — Ele teria medo.

— O que é medo? — Peter perguntou, curioso, achando que aquilo deveria ser uma coisa esplêndida. — Gostaria que você me ensinasse a ter medo, Maimie.

— Acho que ninguém pode ensinar isso a você — ela respondeu, encantada, mas Peter achou que ela o estava chamando de burro.

A garota havia lhe contado sobre Tony e sobre o que ela fazia à noite para assustá-lo (sim, ela sabia que aquilo era esquisito), mas Peter não entendeu a história direito e disse:

— Oh, como eu queria ser corajoso como Tony!

Aquilo a irritou um pouco.

— Você é vinte vezes mais corajoso do que Tony! — Maimie disse. — Na verdade, você é o garoto mais corajoso que eu já conheci.

Peter mal podia acreditar no que ouvira e, quando percebeu que era verdade, soltou um grito de alegria.

— E se você quiser muito me dar um beijo — Maimie disse —, você pode.

Muito relutante, Peter começou a tirar o dedal de seu dedo. Ele achou que ela o quisesse de volta.

— Não quis dizer beijo, e sim dedal.

— E o que é isso? — Peter perguntou.

— É isso — ela disse ao lhe dar um beijo.

— Eu adoraria lhe dar um dedal — Peter disse, com firmeza, e deu um dedal para Maimie.

Ele deu muitos dedais para Maimie, na verdade e, então, uma doce ideia veio-lhe à mente.

— Maimie, você se casaria comigo?

Agora, é estranho contar isso, a mesma ideia havia passado no mesmo momento na mente de Maimie.

— Eu gostaria muito — ela respondeu. — Mas teria espaço para nós dois no seu barco?

— Se ficarmos bem pertinho — ele disse, animado.

— Será que os pássaros não ficarão bravos?

Peter garantiu a Maimie que os pássaros adorariam tê-la por perto, embora eu mesmo não tenha tanta certeza disso. Ademais, havia poucos pássaros no inverno.

— É claro que vão querer suas roupas — ele teve de admitir, um pouco receoso.

Ela ficou muito indignada com aquilo, e Peter precisou complementar, desculpando-se:

— Eles estão sempre pensando em seus ninhos. E há algumas partes de sua roupa — ele acariciou o casaco dela — que os deixariam muito animados.

— Não poderão ficar com meu casaco — ela disse, dura.

— Não — ele disse, ainda acariciando o casaco, entretanto —, não. Oh, Maimie — Peter disse, entusiasmado. — Sabe por que eu amo você? É porque você se parece com um lindo ninho.

De alguma forma aquilo a deixou desconfortável.

— Acho que você está falando mais como um pássaro do que como um garoto agora — ela disse, recuando e, de fato, ele até estava se parecendo mais com um pássaro. — Afinal, você é um meio-a-meio. — Tal comentário o machucou tanto que Maimie imediatamente acrescentou: — O que deve ser ótimo!

— Então, venha se tornar uma meio-a-meio, querida Maimie — Peter implorou-lhe, enquanto seguiram para o barco, pois já estava muito perto do horário de os portões serem abertos. — E você não se parece em nada com um ninho — ele disse para agradá-la.

— Mas acho que deve ser bom parecer um ninho — ela disse, em uma típica contradição feminina. — E, Peter querido, embora não possa dar meu casaco aos pássaros, não me importaria que construíssem ninhos nele.

Imagine um ninho no meu pescoço, com alguns ovos aparecendo! Oh, Peter, que adorável!

No entanto, à medida que se aproximavam da Serpentina, Maimie começou a ficar um tanto receosa.

— É claro que precisarei visitar minha mãe com frequência, muita frequência. Não me despedi de minha mãe para sempre, nem perto disso.

— Oh, claro.

Peter, em seu coração, sabia que era exatamente daquele jeito, e ele lhe teria dito se não tivesse tanto medo de perdê-la. Ele estava tão encantado com ela que sentia que não mais poderia viver sem a sua companhia. “Ela se esquecerá de sua mãe com o tempo”, ele ficava dizendo para si mesmo enquanto caminhavam e ele lhe dava dedais.

Mas mesmo quando Maimie viu o barco e exclamou, maravilhada por sua graciosidade, ela ainda estava muito receosa por sua mãe.

— Você sabe muito bem, Peter, que só vou se puder voltar para minha mãe quando eu quiser, não sabe? Diga que sabe, Peter.

E ele confirmou, mas sem conseguir olhar em seu rosto.

— Se tiver certeza de que sua mãe sempre vai querer você de volta — ele acrescentou, com amargura.

— Que ideia, minha mãe não me querer mais! — Maimie soltou, com o rosto brilhando.

— Se ela não barrar a sua entrada — Peter disse, duro.

— A porta — respondeu Maimie — sempre estará, sempre, aberta. E minha mãe me esperará para sempre.

— Então, entre — Peter disse, não sem tristeza. — Se tem tanta certeza, venha. — E ele ajudou Maimie a entrar no Ninho do Sabiá.

— Mas por que você não olha para mim? — ela perguntou, segurando em seu braço.

Peter se esforçou para não olhar, tentou se afastar, mas engoliu em seco e pulou para a orla, sentando-se na neve.

Ela se aproximou dele.

— O que foi, meu querido, querido Peter? — ela indagou, preocupada.

— Oh, Maimie — ele respondeu. — Não é justo levá-la comigo se você acha que poderá voltar! Sua mãe... — ele soluçou. — Você não conhece as mães tão bem quanto eu.

Então, Peter lhe contou a triste história sobre como não conseguiu entrar pela janela, e Maimie ficou com um nó na garganta.

— Mas a minha mãe... — ela disse. — A minha mãe...

— Sim, ela faria o mesmo — Peter disse. — Elas são todas iguais. Ouso dizer que ela já pode estar até procurando por outra filha.

Maimie, horrorizada, disse:

— Não consigo acreditar nisso. Veja bem, quando você foi embora, sua mãe ficou sem nenhum filho. A minha mãe tem o Tony e, certamente, as mães ficam satisfeitas em ter um filho.

— Você precisa ver as cartas que Salomão recebe de mães que já têm seis — Peter disse, amargurado.

No mesmo momento ouviram um forte barulho. *Creak*. E mais um. *Creak*. E mais outro, *creak*, por toda a volta dos Jardins. Peter entrou, aflito, em seu barco. Ele já sabia que Maimie não iria com ele e estava se esforçando muito para não chorar. Mas Maimie soluçava profundamente.

— E se eu já estiver atrasada — ela disse, em agonia. — Oh, Peter, e se ela já tiver outra filha!

Novamente, ele pulou para a terra, como se ela o tivesse chamado.

— Voltarei hoje à noite para procurá-la — ele disse, aproximando-se. — Mas se você se apressar, acho que chegará a tempo.

Então, ele deu um último dedal em sua doce e pequena boca e cobriu o rosto com as mãos para não vê-la partir.

— Querido Peter! — ela exclamou.

— Querida Maimie! — ele exclamou, arrasado.

Maimie pulou nos braços de Peter e, portanto, aquilo foi como um casamento de fadas. Depois, ela saiu correndo. Oh, como ela correu até o portão! Peter, tenha certeza, voltou para os Jardins naquela noite assim que deu o toque de recolher, mas não encontrou Maimie e, assim, soube que ela havia chegado a tempo. Por muito tempo ele desejou que ela, alguma noite, voltasse. Frequentemente, ele sonhava que Maimie o estava esperando na orla da Serpentina quando seu barco aportava, mas ela nunca mais voltou. Ela até quis, mas tinha medo de rever seu querido meio-a-meio novamente e ficar com ele tempo demais. Além disso, a babá, desde então, passou a ficar muito mais atenta a seus passos.

Maimie sempre falava com muito carinho de Peter e tricotou um suporte de chaleira para ele e, quando se perguntava sobre o que ele gostaria de ganhar de Páscoa, sua mãe fez a sugestão:

— Nada lhe seria mais útil do que uma cabra — ela disse, convicta.

— Ele poderia montá-la — Maimie ficou animada — e, ao mesmo tempo, tocar sua flauta.

— Então — sua mãe perguntou —, por que você não lhe dá a sua cabra, aquela com a qual assusta Tony todas as noites?

— Mas ela não é uma cabra de verdade, mamãe — Maimie disse.

— Parece bem real para o Tony — sua mãe respondeu.

— Para mim ela parece absolutamente real também — Maimie admitiu.
— Mas como eu daria a cabra para o Peter?

Sua mãe sabia um jeito e, no dia seguinte, junto de Tony (que, na verdade, era um bom menino), foram até os Jardins. Maimie ficou sozinha dentro de um anel de fada, enquanto sua mãe, que era uma mulher muito inteligente, disse:

— Minha filha, me diga, se pudesse, o que daria de presente para Peter Pan?

E Maimie respondeu:

— Tenho uma cabra na qual ele pode montar. Observe-me lançá-la longe.

Então, ela abriu os braços como se estivesse semeando algo e rodopiou três vezes.

Depois disso, Tony disse:

— Se Peter encontrá-la aqui, nunca mais terei o que temer?

E Maimie respondeu:

— Seja noite ou seja dia, prometo nunca mais ver cabras em lugar algum.

Ela também deixou uma carta para Peter, em um local adequado, explicando o que tinha feito e implorando para que ele pedisse às fadas que tornassem a cabra possível de ser montada. Bem, tudo isso aconteceu exatamente como ela desejava, pois Peter encontrou a carta, e não havia nada mais simples para as fadas do que transformar a cabra imaginária em uma real. E foi assim que Peter ganhou a cabra sobre a qual percorre os Jardins tocando, sublimemente, sua flauta todas as noites. E Maimie cumpriu a promessa e nunca mais assustou seu irmão com a cabra, embora eu tenha ouvido dizer que ela criou outro animal.

Até se tornar uma mocinha, Maimie continuou a deixar presentes para Peter nos Jardins (com cartas explicando como os humanos usavam tais coisas). E ela não foi a única a fazer isso. David também deixa presentes para Peter. E ele e eu sabemos qual o melhor local para deixá-los, e

podemos lhe contar, se quiser saber, mas, por favor, não pergunte na frente de Porthos, pois ele adora brinquedos e, se descobrir o local, pegará todos os presentes.

Embora Peter ainda se lembre de Maimie, ele voltou a ser tão feliz como sempre foi e, frequentemente, muito alegre; ele salta da cabra e se joga na grama, com as pernas para o alto, chutando. Oh, ele se diverte de verdade!

Mas Peter ainda tinha uma vaga memória de como é ser um humano e isso o tornava especialmente simpático às andorinhas que iam visitar a ilha, pois as andorinhas são o espírito de crianças que morreram. Elas sempre constroem ninhos no beiral das casas em que moraram quando humanas e, às vezes, tentam entrar pela janela do quarto, e talvez seja esse o motivo pelo qual Peter gosta mais delas do que de qualquer outro pássaro.

E a casinha? Todas as noites úteis (o que significa dizer todas as noites exceto as de baile), as fadas constroem a casinha para o caso de uma criança humana se perder nos Jardins; e Peter é quem encabeça a marcha em busca das crianças perdidas. Quando ele encontra alguém, coloca sobre sua cabra e leva até a casinha; quando acordam, estão dentro dela e quando se levantam, podem vê-la. As fadas constroem a casa simplesmente porque ela é linda, mas Peter faz as buscas pela memória de Maimie e continua adorando fazer o que acha que os garotos de verdade fazem.

Mas você não deve achar que, porque em algum ponto entre as árvores a casinha está brilhando, seja seguro ficar nos Jardins depois do toque de recolher. Se as fadas más estiverem por perto, certamente lhe farão mal, e mesmo se não lhe fizerem nada, você pode morrer de frio, no escuro, antes de Peter Pan aparecer. Ele demorou muito para chegar diversas vezes e, quando isso acontece, ele vai até o Ninho do Sabiá e pega seu remo (que Maimie lhe explicou para o que servia na verdade), faz uma cova e coloca uma pequena lápide, gravando as iniciais da pobre criança nela. Ele faz isso porque acredita que seria o que garotos de verdade fariam. E se você prestar atenção, verá que todas as lápides estão em par. Ele as coloca dessa maneira para que fiquem menos solitárias. Acho uma das visões mais tocantes dos Jardins as lápides de Walter Stephen Matthews e Phoebe Phelps. Elas estão juntas no local onde se diz que a paróquia de Paddington se encontrou com a paróquia de Santa Maria de Westminster. Ali, Peter encontrou dois bebês que haviam caído de seus carrinhos.

Phoebe tinha treze meses e Walter era, provavelmente, mais jovem, mas Peter teve a delicadeza de não colocar idade em sua lápide. As lápides estão colocadas lado a lado e, nelas, pode-se ler:

W.	13a
St. M.	P. P.
	1841.

David, às vezes, coloca flores brancas nesses dois inocentes túmulos.

Mas como deve ser estranho para os pais, na busca de seus filhos perdidos, encontrar, quando entram apressados nos Jardins, assim que os portões se abrem, pequenas e singelas lápides em seu lugar. Espero que Peter não use muito sua espada, pois isso é realmente muito triste.

Table of Contents

<u>PÁGINA DE TÍTULO</u>	
<u>DIREITOS AUTORAIS PÁGINA</u>	
<u>ÍNDICE</u>	
<u>I. O PASSEIO PELOS JARDINS</u>	
<u>II. PETER PAN</u>	
<u>III. O NINHO DO SABIÁ</u>	
<u>IV. O TOQUE DE RECOLHER</u>	
<u>V. A CASINHA</u>	
<u>VI. A CABRA DE PETER</u>	